



CONSELHO
REGIONAL DE
PSICOLOGIA
CRP - 04

G E S T Ã O
TransFORMAÇÃO

í o r n a l d o
P S I C Ó L O G O

BELO HORIZONTE, ANO 14 • Nº 56
JANEIRO / FEVEREIRO 1997

Alain Badiou
em suplemento especial



Em pesquisa-ação
com prostitutas, um
diálogo na fronteira
das subjetividades.
Por Sandra Azerêdo.
Em *Recorte*.
Pág. 4



A questão dos
gêneros no mundo
contemporâneo
comentada por Paulo
Ribeiro, em
Ressonância.
Pág. 9



As experiências do
desejo estão
presentes em artigo
de Thais Gontijo.
Pág. 8

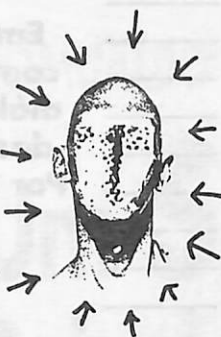


O hedonismo da
cultura brasileira é
tema de Carlos
Roberto Drawin.
Pág. 13



MARCELO XAVIER

O Conselho Federal de Psicologia já se encontra sob nova direção. A chapa "Um Conselho para cuidar da profissão", eleita em Consulta Nacional no dia 28 de novembro para assumir a gestão 96/98, teve sua vitória homologada nos dias 13 e 14 de dezembro pelo Fórum de Entidades. Essa foi a primeira eleição de voto facultativo da entidade, e a participação dos psicólogos foi considerada baixa pelos dirigentes dos Conselhos Regionais de todo o país. Na 4ª Região, 1207 inscritos votaram, em um pleito que transcorreu tranquilamente. A nova gestão foi empossada no dia 20 de dezembro.



O Recadastramento Nacional dos Psicólogos, processo desenvolvido por todos os Conselhos de Psicologia do país, acaba de ser concluído. Na 4ª Região, que engloba os Estados de Minas Gerais e Espírito Santo, o trabalho foi iniciado em maio de 96 e estendeu-se até dezembro, quando a equipe responsável pelo censo concluiu a última fase do processo. O CRP-04 conseguiu contactar 75% dos psicólogos inscritos em sua jurisdição. O índice nacional foi de 71%. De posse dos resultados da pesquisa, que traz um levantamento detalhado do perfil do psicólogo brasileiro, os Conselhos podem atender de forma mais efetiva às demandas de seus inscritos, traçando metas mais sintonizadas com os anseios dos psicólogos e buscando caminhos possíveis de desenvolvimento da Psicologia no país, levando-se em conta as particularidades de cada região. O JP publicará maiores detalhes do censo na 4ª Região em sua próxima edição.



Atenção, entidades de prestação de serviços na área da Psicologia: o CRP-04 emitiu, em novembro de 96, a Resolução 05/96, que contém novas regras a serem observadas em suas atividades de orientação, fiscalização e contatos técnicos com as pessoas jurídicas inscritas no Conselho. A Resolução, que dispõe sobre registro, cadastramento, cancelamento, penalidades e responsabilidade técnica referentes às pessoas jurídicas da 4ª Região, traz como um de seus pontos principais a regulamentação da função dos responsáveis técnicos indicados pelas empresas que prestam serviços de Psicologia. A Resolução busca possibilitar o estabelecimento de uma relação de parceria entre o Conselho e as pessoas jurídicas nele registradas ou cadastradas, o que só pode trazer ganhos para os usuários dos serviços de Psicologia e para o desenvolvimento da profissão. No momento o Conselho está em processo de atualização dos dados das entidades que são objeto da Resolução 05/96, e solicita aos responsáveis que entrem em contato com o Conselho caso ainda não tenham conhecimento das novas regras.



MARCA REGISTRADA

Um "não" à arbitrariedade

O CRP-04 inicia 1997 com a perspectiva de muito trabalho pela frente. Em sua proposta de sedimentar caminhos abertos anteriormente, o 8º Plenário – Transformação atinge a metade de sua gestão com algumas de suas metas já cumpridas. Algumas delas são: a realização do II Congresso Regional da Psicologia, espaço que levou os profissionais a repensarem a inserção da Psicologia na sociedade; o recadastramento de seus inscritos; e a confecção da Tabela Nacional de Honorários, juntamente com o CFP. No entanto, ainda são muitas as questões que merecem a atenção da entidade, desde as discussões em torno da qualidade da formação oferecida pelas Faculdades de Psicologia até o debate envolvendo os serviços de saúde mental oferecidos à população, passando por outras relacionadas ao mercado de trabalho da categoria.

Uma delas se refere à interferência do Conselho Regional de Administração de Minas Gerais nas atividades de pessoas jurídicas inscritas no CRP-04 (ver matéria na página 15). Alegando que as atividades desenvolvidas por tais empresas são privativas dos administradores – afirmação absolutamente equivocada, e para confirmar o equívoco basta examinar as leis – o CRA vem desenvolvendo uma ação de cunho arbitrário e corporativista, utilizando estratégias mesquinhas na tentativa de obrigar as empresas a se inscreverem na entidade.

Na tentativa de conseguir angariar inscritos à força, o CRA promove uma perseguição às empresas, estabelecendo com elas contatos nada amistosos, recheados de ameaças sem nenhum fundamento. Afinal, não há lei alguma que as obriguem a se inscrever no referido Conselho. Tais empresas têm caráter multidisciplinar, pois reúnem profissionais das mais diversas áreas em seu trabalho. Mas o fato de utilizarem as técnicas da Psicologia em suas atividades as obrigam a se inscreverem no CRP, e não no CRA, como teimam em afirmar os dirigentes da entidade.

Não é através de ameaças e baseando-se em argumentos um tanto quanto ultrapassados que se consegue convencer as instituições a se inscreverem nos conselhos de classe, e o CRP-04 vem a público para condenar esse tipo de atitude. O Conselho Regional de Psicologia entende que objetivos corporativistas já foram há muito tempo superados, não tendo razão de ser em um momento no qual é cada vez mais necessária a interlocução entre as diversas áreas do saber.

Além disso, o CRP-04 vem buscando estabelecer uma relação de outra natureza com as empresas nele inscritas, onde o fator principal de ligação entre Conselho e empresa deve ser a preocupação exclusiva com a qualidade do serviço oferecido à população. Assim, ao contrário de funcionar apenas como um órgão fiscalizador, o Conselho propõe uma relação de parceria com as entidades que oferecem serviços na área da Psicologia.

Um dos pontos principais para o estabelecimento da parceria Conselho-Empresa é a existência do responsável técnico, psicólogo nomeado pela empresa para, entre outras funções, responder pela qualidade dos serviços de Psicologia por ela prestados e pelos aspectos ético-disciplinares e técnicos envolvidos em suas atividades. Ao contrário do que acontece com muitas profissões, em que o profissional está apenas cumprindo uma cláusula burocrática sem se preocupar com suas implicações, o psicólogo investido no cargo deve estar sempre em sintonia com o Conselho. Só assim poderemos estabelecer uma parceria efetiva e atingir as metas tanto da outarquia quanto da empresa, que, em tese, deveriam ser as mesmas – oferecer à população um serviço de qualidade.

O CRP-04 já está se movimentando nesse sentido, ao emitir a Resolução nº 005/96, (04/11/96), que dispõe sobre o registro, cadastramento, cancelamento e responsabilidade técnica referentes às pessoas jurídicas da jurisdição do CRP-04. Com ela esperamos estar dando o primeiro passo em direção à sonhada parceria. Esperamos que as empresas aqui cadastradas estejam dispostas a se ligar de forma mais efetiva ao Conselho. Isso só trará benefícios para todos os envolvidos.

VIII Plenário - Gestão TRANSFORMAÇÃO

A visita do carteiro

Aconteceu. O carteiro passou deixando o JP na sua casa. Visita decidida, adentrará casa afora e não lhe deixa saída... Ruptura no cotidiano... Ele trouxe consigo um sabor a provar... Ele entrega palavras.

Palavras que vêm de todo lugar. Conversando na Fronteira ou com a Parábola direcionada para Paris, transmite, com Simplicidade e Mistério, as Experiências do Desejo.

As palavras vão e voltam. A Criança na Estrutura desenha esse movimento – "fort...da" – o carteiro é como o fio do carretel: ele leva e traz as metáforas.

É por isso que aconteceu a Ressonância daquela última visita, quando ele veio de trem: "A Guerra dos Gêneros reproduz a Lógica dos Gêneros". Letras enlaçadas numa outra ordem. Em estilo atemporal, trouxe, ainda, A Atualidade Ética de Shopenhauer e o eterno Romu, Um Sociólogo na Psicologia Social. Ainda bem que existe a memória... pois existem acontecimentos que vêm para ficar.

Foi inevitável: Por uma Ética do Aconte-

cimento o JP entra em sua casa declarando a novidade de que é capaz.

Palavras que vêm de longe, palavras que vêm e voltam, palavras que vêm para ficar. Fiquem à vontade. O Carteiro já vai indo... mas deixa o Poeta, transmitindo, nas metáforas da poesia, a Função e o Campo da Palavra: "tem que saborear as palavras, a gente tem que deixar que elas se desmanchem na boca".

Se isso acontecer, o JP lhe deseja um bom apetite.

Comissão Editorial

Fernanda Ottoni • Mariana Mendonça • Ricardo Moretzsohn

O filme "O Carteiro e o Poeta", de Michael Radford (Itália, 1995), é o objeto da reflexão desenvolvida pela psicóloga e psicanalista Rita de Cássia Fagundes Mota Rocha sobre a linguagem poética. Rita é professora titular da Faculdade de Psicologia do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora e membro da Escola Brasileira de Psicanálise / Seção Minas Gerais.

O carteiro, o poeta, a função e o campo da palavra

Rita de Cássia Fagundes Mota Rocha

O filme "O Carteiro e o Poeta" convida-nos a pensar a função e o campo da palavra na poesia, na psicanálise e na vida de todos nós. Não se trata aqui de psicanalisar o filme, atitude contra a qual Freud se posicionou claramente - não se faz psicanálise de obra de arte.

No vazio ou no dizer, fazemos um apelo: que o outro nos escute. Mais além; que nos escute alcançando o sentido pleno do que temos a dizer, se possível sem equívocos...

No encontro do carteiro com o poeta, as metáforas são elevadas a uma dignidade absoluta. Elas inauguram a amizade, o amor e sobretudo o crescimento de um homem: Mário. O poeta Neruda, por sua vez, sustenta as possibilidades de Mário fazer esses encontros.

As metáforas foram apresentadas a Mário no seguinte diálogo:

N - "O céu está chorando. O que é que você quer dizer com isto?"

M - "Ora, fácil! Que está chovendo, ué!"

N - "Bem, isso é uma metáfora."

M - "E por que se chama tão complicado, se é uma coisa tão fácil?"

N - "Porque os nomes não têm nada a ver com a simplicidade ou complexidade das coisas. Pela sua teoria, uma coisa pequena que voa não deveria ter um nome tão grande como mariposa. Elefante tem a mesma quantidade de letras que mariposa, é muito maior e não voa" - conclui Neruda.

Neruda retomou o trinco do portão e se dispunha a entrar quando Mário, olhando o voo de um pássaro invisível, disse:

M - "É que se eu fosse poeta poderia dizer o que quero."

N - "E o que é que você quer dizer?"

M - "Bom, justamente o problema é este. Como não sou poeta, não posso dizer."

"Ao ser interrogado, o escritor não nos oferece uma explicação, ou pelo menos nenhuma satisfatória. Os próprios escritores criativos gostam de diminuir a distância entre a sua classe e o homem comum, assegurando-nos com muita frequência de que todos, no íntimo, somos poetas, e de que só com o último homem morrerá o último poeta. O escritor criativo consegue em nós os efeitos emocionais provocados por suas criações. Todo prazer estético que o escritor criativo nos proporciona é da mesma natureza desse prazer preliminar, e a verdadeira satisfação que usufruímos de uma obra literária procede de uma liberação de tensões em nossas mentes. Talvez até grande parte desse efeito seja devido à possibilidade que o escritor nos oferece de, dali em diante, nos deleitarmos com nossos próprios devaneios, sem auto-acusações ou vergonha"¹.

Mário vai se permitindo falar das suas fantasias, construindo metáforas, pois o poeta se propõe a escutá-las. E assim Mário vai se encontrando com o seu desejo, utilizando ocasiões do presente que são encontros para construir, segundo moldes do passa-

do, um quadro melhor em forma para o futuro.

Beatriz passa a fazer parte do seu desejo e Mário entrelaça devaneios e metáforas. Mário diz ao poeta que ele tem que o ajudar porque não sabe o que dizer a ela.

M - "Veja-me diante de mim e é como se eu fosse mudo. Não sei uma única palavra".

N - "Nada de nada?! Você não lhe disse nem uma palavra?"

"É o mundo das palavras que cria o mundo das coisas. O homem fala então, mas é porque o símbolo o fez homem. A fala com efeito é um dom de linguagem, e a linguagem não é imaterial. Ela é corpo sutil, mas é corpo"².

Dona Rosa se coloca distante da poesia, das metáforas e do sentido pleno que a palavra possa ter. Quando Beatriz, apaixonada, lhe conta que o seu carteiro que vai se tornando poeta lhe diz metáforas, temos de Dona Rosa a seguinte fala:

R - "Filhinha, não me conte mais. Estamos diante de um caso muito perigoso. Todos os homens que primeiro tocam com a palavra, depois chegam mais longe com as mãos".

B - "Mas o que é que têm de mau as palavras?"

R - "Não há droga pior que blá blá blá. Faz uma estalajadeira de aldeia se sentir uma princesa veneziana. As palavras são um cheque sem fundo. Prefiro mil vezes que um bêbado lhe passe a mão no bar do que fiquem lhe dizendo que um sorriso seu voa mais alto que uma borboleta. Porque por trás das palavras não há nada. São fogos-de-bengala que se desmancham no ar".

O que Dona Rosa não consegue escutar são suas próprias metáforas e as palavras engravidam...

Língua e fala (ou palavra) são interdependentes; a primeira é o instrumento, o meio pelo qual o indivíduo realiza o ato de falar e, ao mesmo tempo, é o produto, "o tesouro depositado pela prática da fala"³. Falando e pela palavra, produzimos alguma coisa. A verdade da palavra se opõe a uma veracidade dos fatos. Há o nascimento da verdade na palavra falada, fazendo com que nós nos deparemos com a realidade do que não é verdadeiro nem falso. Não há palavra fora de frase, não há frase fora da intenção do falante e da apreensão do ouvinte.

Em um momento do filme, Mário recebe um pacote e uma carta e coloca a questão para Beatriz e Dona Rosa.

M - "O que abro primeiro, a carta ou o pacote?"

R - "O pacote, filho" - sentenciou Dona Rosa - "Na carta só vêm palavras".

B - "Acontece que a mamãe lê muito rápido" - disse Beatriz.

R - "Rápido ou lento" - disse Dona Rosa, a ponto de acabar com a corda e o pacote, "as palavras dizem o mesmo. A velocidade independe do que significam as coisas".

M - "É que a senhora não lê as palavras, mas engole" - disse Mário - "Tem que saborear as palavras, a gente tem que deixar que elas se desmanchem na boca".

A poesia é um sabor a provar, é uma palavra cuja

essência é um sabor. Para a psicanálise, o que é a palavra? É o seu próprio, como nos diz Lacan, que a psicanálise só tem um meio - a fala do paciente. A evidência desse fato não justifica que se o negligencie.

Para Freud, no texto "Os chistes e sua relação com o inconsciente", as palavras são usadas primeiro como um todo e depois segmentadas, ou na outra subclasse, em que a multiplicidade é produzida pelo sentido pleno ou esvaziado dos constituintes verbais. Os trajetos associativos que partem das palavras são, no inconsciente, tratados do mesmo modo que se partissem de coisas.

Se penetramos ainda além na variedade de formas de uso múltiplo da mesma palavra, notamos repentinamente que temos diante de nós exemplos de duplo sentido ou jogo de palavras. O jogo de palavras nada mais é que uma condensação sem formação de substitutivo, portanto a condensação permanece sendo a categoria mais ampla. Todas estas técnicas são dominadas por uma tendência à compreensão ou antes à economia. Tudo parece ser uma questão de economia.

Lacan, no texto "Função de campo da fala e da linguagem em psicanálise", nos diz que para o analista o importante não é tanto o que o sujeito diz, mas o que ele lhe diz. Não há fala sem resposta, mesmo se ela encontra apenas o silêncio, com a condição de que ela tenha um ouvinte e que este seja o âmago de sua função na análise.

A palavra sob transferência faz agir, é a realidade do inconsciente, nisso reside o poder da fala em análise. Se a palavra plena realiza a verdade do sujeito, estamos atentos como psicanalistas ao que do universal do cristal da língua redonda no particular da história de cada um.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDES, Ângela. *A propósito da função da fala em psicanálise*. Nº 15. São Paulo, Opção Lacaniana, 1996.

DAUMAL, René. *Os poderes da palavra na poética hindu*. Nº 14. São Paulo, Correio, 1996.

FREUD, Sigmund. *Escritores criativos e devaneios (1908 [1907])*. Vol. IX. Rio de Janeiro, Imago.

Os chistes e sua relação com o inconsciente.

LACAN, Jacques. *Função de campo da fala e da linguagem em psicanálise - Escritos*. São Paulo, Perspectiva, 1978.

QUINET, Antônio. *Uma citação particular*. Revista Falo, nº 3, Salvador, Editora Fator, 1987.

FREUD, Sigmund. *Escritores criativos e devaneios (1908 [1907])*. Vol IX, p. 149, 158. Rio de Janeiro, Imago.

LACAN, Jacques. *Função de campo da fala e da linguagem em psicanálise - Escritos*. P. 112, 140, 141. São Paulo, Perspectiva, 1978.

DAUMAL, René. *Os poderes da palavra na poética hindu*. Nº 14, p. 48. São Paulo, Correio, 1996.

Recorte traz a colaboração da psicóloga Sandra Azerêdo, que vem desenvolvendo um trabalho na linha da "pesquisa-ação" com as prostitutas de Belo Horizonte. Sandra é doutora em História da Consciência pela Universidade da Califórnia, Santa Cruz, e professora de Psicologia Social do Departamento de Psicologia da UFMG.

Sandra Azerêdo

Em agosto de 1993 iniciamos o desenvolvimento de um projeto de pesquisa na zona de prostituição de Belo Horizonte. O principal objetivo do projeto tem sido criar com as prostitutas um centro de referência para seus direitos reprodutivos.¹ Uma das primeiras atividades do projeto foi convidar duas prostitutas - Lu e Marta - a participarem semanalmente das reuniões da equipe, conversando conosco sobre nossos diferentes mundos. Nessas reuniões fomos observando que só seria possível criar um centro de referência com as prostitutas se elas tivessem algum tipo de organização, que lhes permitisse ter autonomia. De outra forma, estaríamos meramente reproduzindo o paternalismo e o assistencialismo que no Brasil geralmente caracterizam as relações das elites com as classes desfavorecidas.

Gabriela Leite, que coordena a Rede Nacional de Prostitutas através da ONG Davida, no Rio de Janeiro, foi supervisora do projeto no segundo ano da pesquisa, quando Marta foi ao Rio para conhecer seu trabalho. Quando começaram a participar de nossas reuniões, Marta e Lu já trabalhavam no GAPA no projeto de prevenção de DST's e AIDS. Em maio de 1994, o GAPA financiou a ida de Marta e outros profissionais do sexo ao Terceiro Encontro Nacional de Trabalhadoras do Sexo, realizado no Rio. Neste Encontro Marta foi eleita membro consultivo da Rede Nacional de Prostitutas, e passamos a assessorá-la na criação de uma associação de profissionais do sexo em Belo Horizonte.

Dentre os vários trabalhos que consultamos para realizar nosso objetivo, três se destacaram em termos de contribuição para nosso estudo. O trabalho da historiadora Margareth Rago nos permitiu contextualizar a prostituição no Brasil, entendendo sua estreita relação com as tentativas de regulamentar a sexualidade feminina em geral. Foi especialmente importante para nossa análise entender a complexa relação entre o movimento feminista e a prostituição no Brasil do final do século passado. De acordo com Rago, naquela época, as feministas estavam preocupadas em mostrar os limites do feminismo e eliminar qualquer associação deste com a "liberdade excessiva das mulheres" (RAGO 1991: 75).

Pesquisa-Ação Feminista na Zona de Belo Horizonte

CONVERSANDO NA FRONTEIRA

As relações entre feminismo e prostituição continuam tensas, porém já se começa a perceber a importância de se entender inúmeros aspectos da prostituição para se chegar a um entendimento de como se dão as relações de gênero em nossa sociedade. O trabalho de Aparecida Moraes dá uma contribuição importante neste sentido, e, além disso, possibilita que prostitutas em outras partes do país aprendam com a experiência do movimento associativo da Vila Mimosa, no Rio de Janeiro. O trabalho de Moraes não só permitiu aguçar nossa análise através de comparações e contrastes entre as Zonas das duas cidades, como também vai contribuir para a discussão de problemas comuns que a associação de Belo Horizonte está tendo em sua organização.

No trabalho de Cecilie Hoigard e Liv Finstad, realizado na Noruega, encontramos uma série de identificações com nosso trabalho, especialmente a necessidade de produzir uma metodologia especial para estudar a prostituição. Segundo elas, "o campo não é o que se poderia chamar de facilmente acessível. A maioria das regras no livro de método sociológico ajudam pouco" (HOIGARD & FINSTAD 1992: 209). Seu trabalho também possibilitou relativizar nossa análise. Por exemplo, em suas entrevistas com os clientes de prostitutas elas não encontraram o que comumente se acha na literatura sobre prostituição, ou seja, a divisão das mulheres entre "putas e virgens marias", que elas caracterizam como "whore-madonna concept". Por outro lado, as autoras encontraram a discriminação de gênero quase sempre interrelacionada com o racismo. Isto fica claro no discurso dos marinheiros noruegueses, que descrevem as prostitutas do Terceiro Mundo como sendo "mais simpáticas, mais dispostas a servir e mais interessadas em agradar o homem". Segundo as autoras, nenhum desses homens percebe esta diferença das mulheres dos outros países "em termos da diferença de poder entre um homem branco de um país rico e uma mulher de um país pobre" (1992: 30). Em seu estudo em São Paulo, Rago mostra como eram as prostitutas pretas e pobres as que sofriam as maiores discriminações, sobretudo a partir das tentativas de regulamentação de suas atividades.²

Embora utilizando teorias e

metodologias diferentes, nos identificamos com os trabalhos de Moraes e Hoigard e Finstad sobretudo por seu interesse em conjugar estudo e intervenção. Nosso interesse em pesquisar a prostituição foi desde o início voltado simultaneamente para a busca de compreensão do significado deste complexo fenômeno e também para a busca de contribuir de alguma forma para intervir nos problemas relacionados à prostituição, especialmente na situação de discriminação. Por isso, as teorias que fundamentam nosso projeto são, por um lado, teorias que se apóiam no conceito de pesquisa-ação, introduzido por Kurt Lewin na década de 40 nos Estados Unidos, especialmente os trabalhos de Christophe Dejours, André Lévy e Enrique Pichon-Rivière - todos eles valorizando a noção de práxis e se interessando por práticas dos grupos. Por outro lado, por ser um estudo do "outro", da diferença, este projeto busca fundamentar-se também nas teorias desenvolvidas dentro do campo dos estudos culturais, especialmente a teoria feminista. Para Anna Tsing, antropóloga da Universidade da Califórnia, o grande desafio neste campo de estudos - de desenvolvimento recente - é a participação num diálogo cultural que cruze fronteiras profissionais, étnicas e nacionais. E este desafio requer um posicionamento do pesquisador e do grupo pesquisado dentro de contextos determinados. O conceito de cultura é central neste campo, especialmente a definição de cultura de Clifford Geertz, que a vê como sendo teias de significados tecidas pelos seres humanos, nas quais eles se mantêm suspensos. Para Geertz, portanto, a análise da cultura não é "uma ciência experimental, em busca de leis, mas uma ciência interpretativa, em busca de sentido" (GEERTZ 1973: 5).

A interpretação tem sido um instrumento básico de trabalho neste projeto, unindo as várias fontes que o sustentam teoricamente. Segundo Thompson, "as análises da cultura... são interpretações de interpretações, abordagens de segunda ordem, por assim dizer, sobre um mundo que é já constantemente descrito e interpretado pelos indivíduos que compõem esse mundo" (1995: 176). Daí a importância da conversa com o outro, no sentido que Geertz lhe dá. Em nosso trabalho, estamos tentando conversar

com as prostitutas, "uma questão muito mais difícil do que se tem reconhecido, e não apenas em relação a estranhos", conforme mostra Geertz (1973: 13). Conversar implica falar para alguém, e como mostra Gayatri Spivak, só será possível falar para o outro/diferente (ao invés de apenas ouvir o outro ou falar pelo outro) se eu desaprender meu privilégio de mulher-intelectual-sujeito que fala e faz (1988). Spivak elabora uma crítica importante à suposta transparência e neutralidade dos intelectuais, que alegam não serem marcados por uma posição de gênero, classe ou raça. Esta crítica é fundamental para nosso projeto, na medida em que aponta para a "responsabilidade institucional" do intelectual, um dos problemas básicos da pesquisa-ação.

Gloria Anzaldúa, falando de sua existência como chicana - "uma mulher da fronteira", propõe "um encontro a meio caminho" com os anglos, os mexicanos e os latinos. De certa forma, estamos criando um espaço a meio caminho para nossos encontros com as prostitutas. Este espaço está sendo construído pelos dois lados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANZALDÚA, Gloria. (1987). *Borderlands/La Frontera. The New Mestiza*. San Francisco, spinsters/aunt lute.
- DEJOURS, Christophe (1988). *A Loucura do Trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. Tradução de Ana Paraguay e Lúcia Ferreira. 3a. edição, São Paulo, Cortez/Oboré.
- GEERTZ, Clifford. (1973). *The Interpretation of Cultures*. New York, Basic Books, Inc. Publishers.
- HOIGARD, Cecilie & FINSTAD, Liv. (1992). *Backstreets: Prostitution, Money and Love*. Cambridge, UK, Polity Press.
- LÉVY, André. (1994). "A Psicossociologia: crise ou renovação?" in Mala Machado, Marília et alii (orgs.) *Psicossociologia: análise social e intervenção*. Petrópolis, Vozes.
- LEWIN, Kurt (1948). "Action Research and Minority Problems", IN *Resolving Social Conflicts*. Edited by Gertrud Lewin (New York, Harper & Brothers Publishers).
- MORAES, Aparecida. (1996). *Mulheres da Vila: Prostituição, identidade social e movimento associativo*. Petrópolis, Vozes.
- PICHON-RIVIÈRE, Enrique. (1994). *O Processo Grupal*. Tradução de Marco Aurélio Velloso. 5a. edição. São Paulo, Martins Fontes.
- RAGO, Margareth. (1991). *Os Prazeres da Noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- SPIVAK, Gayatri. (1988). "Can the Subaltern Speak?" in C. Nelson and L. Grossberg (eds.), *Marxism and the Interpretation of Culture*. Ithaca, University of Illinois.
- THOMPSON, John. (1995). *Ideologia e Cultura Moderna: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Tradução do Grupo de Estudos sobre Ideologia, Comunicações e Representações Sociais da pós-graduação do Instituto de Psicologia da PUCRS. Petrópolis, Vozes.
- TSING, Anna. (1993). *In the Realm of the Diamond Queen: Marginality in an Out-of-the-Way Place*. Princeton, New Jersey, Princeton University Press.

¹ Durante seus primeiros três anos o projeto teve financiamento da Fundação MacArthur e apoio do CNPq, FAPEMIG e Mestrado em Psicologia da UFMG. Atualmente o projeto tem apoio do CNPq.

² Essa associação do racismo com a prostituição se confirma no recente episódio ocorrido com a brasileira, negra, Adriana Mueller, que foi barrada com o marido suíço, branco, Fritz Mueller pelo segurança do hotel Inter-Continental, no Rio, que lhes disse que "garota de programa não entra" (Folha de S. Paulo, 15/01/97).

Aqui o colega Célio Garcia nos traz informações sobre alguns eventos que aconteceram no início deste ano, em Paris.

Parabólica ...direcionada para Paris

Célio Garcia

Duas ou três coisas que aconteceram e que nos foram transmitidas.

Saúde Mental "perturbada"

Nos dias 20, 21, 23 e 25 de janeiro, realizou-se no Hotel Lutetia em Paris, colóquio sobre "A situação atual da saúde mental: que tem a Psicanálise a dizer sobre a questão?". Organizado por "Envers de Paris", o folheto que anunciava o encontro apontava, em resumo, o seguinte:

As reformas em curso no campo da saúde mental e suas conseqüências são de atualidade. O objetivo desse colóquio será definir as responsabilidades da Psicanálise e mostrar como ela pode, no novo contexto, continuar a sustentar o desafio do sujeito do inconsciente. O mundo da saúde mental encontra-se em plena mutação em todos os países industrializados; provavelmente o fato tem alguma conexão com reorganização parcial dos sistemas e das relações de produção. A atual crise econômica se encarrega de invalidar soluções concebidas em períodos mais prósperos. Ela submete os sujeitos a uma uniformização cuja conseqüência imediata tem sido uma crescente segregação. Os procedimentos e as estruturas criadas no decorrer das últimas décadas sabidamente destinadas a avaliação e acompanhamento do setor de repente são convertidas para atender exigências de rentabilidade. Casos recentes nos fazem crer que tais exigências são trazidas de outro lugar que não as orientações conhecidas e reconhecidas em matéria de saúde pública. As modificações da prática da Psiquiatria, assim como mudanças em se tratando de Medicina Geral, transformam a oferta habitualmente colocada à disposição dos sujeitos, conseqüentemente a demanda que desses mesmos sujeitos teria que advir.

Cada país em função da própria história, das suas tradições, assim como do jogo de forças entre as diversas instituições concernidas no campo da saúde mental, procura solução para o impasse trazido pelo discurso absolutista

da ciência: assim é que, após as esperanças e expectativas colocadas nos medicamentos, alguns psiquiatras voltam-se para as psicoterapias.

As mudanças atuais no campo das instituições que atuam na área da saúde mental, as perturbações de hoje e de amanhã, terão certamente impacto sobre os sujeitos, tanto ao nível do real quanto ao nível do imaginário, assim como do simbólico.

O presente debate é de monta; levaria ele a Psicanálise a enunciar as teses que a orientam em se tratando das novas modalidades do "mal estar na civilização".

As questões acima reunidas foram abordadas ao longo de três eixos:

- A medicina "enquadrada": que novo tipo de laço social está sendo posto em prática?

(Aqui discutiu-se a distância entre a "queixa" e a codificação posta em prática quanto ao atendimento, diagnóstico e encaminhamento do paciente. Sabidamente o código não alcança a queixa).

- A saúde mental nas instituições e serviços: quem orienta a prática hoje em dia?

(Aqui discutiu-se particularmente a questão da "rentabilidade", da alta em se tratando de pacientes em psicoterapia, dos certificados de qualidade atribuídos a hospitais gerais, uma vez a solicitação feita pelo próprio hospital. Em breve hospitais psiquiátricos ou centros de atendimento para portadores de sofrimento mental serão avaliados pelos mesmos critérios).

- A saúde mental fora das instituições: na falha do político, uma aposta no sujeito do inconsciente!

(O sujeito não pode ser apreendido longe das suas coordenadas sociológicas, entretanto o inconsciente implica em que ele seja escutado em posição "contra", em contraposição; enquanto, por outro lado, novas formas de sintoma articulam-se à estrutura. Eis o desafio).

Filosofia Analítica X Filosofia Continental

Nos dias 16, 17 e 18 de janeiro, com o patrocínio da Unesco (Divisão de Filosofia), Colégio Internacional de Filosofia e Universidade de Paris VIII, realizou-se em Paris colóquio com o título "Direito, Democracia e Direito Público". Na semana que antecederia ao colóquio havia sido atribuído o título de doutor "honoris causa" aos professores Jürgen Habermas (Alemanha) e Richard Rorty (Estados Unidos). O colóquio contava com a presença dos dois professores agraciados e era organizado graças ao DAAD (Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico), do Ministério francês dos Assuntos Exteriores, da "Maison des Sciences de l'Homme" e do Departamento de Filosofia da Universidade de Paris VIII. Na parte da manhã da quinta feira, 16 de Janeiro, a reunião anunciava "Democracia e Modernidade"; Richard Rorty já nessa primeira plenária tomara a palavra para discorrer sobre "Fundação moderna da democracia". Na parte da tarde do mesmo dia, o tema foi "Moral e Democracia"; Axel Honneth falando sobre "Reconhecimento e Obrigação Moral" e Ronald Dworkin falando

sobre "Dois conceitos de democracia: estatístico e constitucional", foram, entre outros, dois palestrantes do dia. Na sexta-feira, dia 17, pela manhã, discutiu-se sobre "Democracia, Ética e Política"; à tarde Vincent Descombes e Jacques Poulain, este último diretor do Departamento de Filosofia da Universidade de Paris VIII, nomeado naquela semana para a cátedra de Filosofia Unesco em Paris, participaram de mesa redonda sob o título geral de "Pluralismo, Justiça e Razão Social". No sábado foi a vez do tema "Reflexão e Espaço Público", seguido de "Democracia e Espaço Público";

Nancy Frazer fazia, naquela ocasião, intervenção sobre "Justiça Social na era da Identidade: redistribuição, reconhecimento e participação", enquanto Geneviève Fraisse expôs documentação sobre "A democracia exclusiva: um paradigma francês?". À noite o professor Habermas fez conferência de encerramento sobre "Legitimação através dos Direitos do Homem".

O objetivo do colóquio era debater sobre dois modos de fundamentação da democracia, conseqüentemente como ela, democracia, pode encontrar justificativa em nossa atualidade. Duas teses se confrontam: 1ª. - A legitimação pode encontrar argumentos num modelo onde prevalecem exigências que dizem respeito à possibilidade da própria condição humana (referência a Kant, vale dizer a uma ordem "transcendental"), modelo onde se reconhece igualmente inspiração do movimento de idéias conhecido pelo nome de Iluminismo; 2ª. - A legitimação encontra fundamento nas comunidades, no reconhecimento das minorias, na pluralidade de opiniões.

De fato, cada uma dessas teses toma emprestado na atualidade feições próprias à tese contrária, produzindo propostas híbridas, o que vem amainar consideravelmente a tipicidade de cada uma delas. Os argumentos perdem seu caráter contundente, afinal de contas; alguém (como de fato ocorreu) pode cobrar maior clareza, maior peso na força argumentativa por parte dos palestrantes.

Richard Rorty, decididamente alguém em sintonia com a tendência atual, acentua a indiferenciação quando intervém para dizer que não vê necessidade na dramatização que por vezes ainda envolve as propostas em discussão. Habermas, presente, escuta; conhecido como alguém que dirigiu (há dois anos aposentou-se) com mão de ferro os destinos da universidade na Alemanha, chegava bem cedo e assistia praticamente a todas as apresentações.

Continuo com Habermas, tomando-o como exemplo do primeiro modelo; a proposta de Habermas se amplia consideravelmente, aproximando-se da segunda tese, quando inclui noções como o "agir comunicacional". Por seu lado, as propostas comunitaristas, representativas do segundo modelo, podem assumir justificativa baseada na tradição (por vezes, teocêntrica) ao tentarem legalizar o moral, ou moralizar o legal. Nos Estados Unidos representantes desta tendência já são conhecidos como "teocón", neologismo formado para designar pensadores conservadores comprometidos com uma visão teológica. Agora vejam!

Além dos cruzamentos assinalados, havia por certo um confronto entre Filoso-

fia Analítica (no caso ampliada, pois incluía Habermas desta vez) e Filosofia Continental (esta, por sua vez, representada especialmente pela sua facção francesa). Devo dizer que este confronto foi mais declarado nos corredores do que no próprio plenário. Comentário elucidativo nesse sentido corria por conta de uma visita recente de Stanley Cavell a Paris (novembro de 1996), quando este autor, em quem os franceses vêem um dissidente da Filosofia Analítica oficial norte-americana, veio lançar tradução de seu livro sobre Wittgenstein. Aqui vai o "potin" ou "gossip" (a língua de acordo com um lado ou outro corredor):

"Temos que esperar alguns anos, vinte talvez, para que tenhamos uma leitura interessante do que tem produzido Stanley Cavell; o mesmo aconteceu com Wittgenstein". Ou seja, se deixarmos nas mãos da Filosofia Analítica... Stanley Cavell vai ser neutralizado pelo "establishment".

Afastando-me do ambiente parisiense, continuo este parágrafo para anotar que a sucessão de Quine se faz sentir claramente no seio da Filosofia Analítica. Na esteira dessa sucessão já haviam chegado Davidson, Rorty, mas também Stanley Cavell, Thomas Nagel, Marcia Cavell. Anotemos que John Searle acaba de publicar "The construction of social reality". "Realidade social" não era nos tempos da liderança quineana tema que merecesse estar incluído no programa da Filosofia Analítica.

Durante anos Quine foi líder na comunidade acadêmica norte-americana. Sóbrio, radical em suas hipóteses, prosseguiu sua pesquisa registrada em livros que se sucediam fornecendo "acompanhamento" uns aos outros, sem se afastar de seu caminho, nem tampouco permitir tergiversações que nos afastassem do fiscalismo.

Se me permitem, para variar o estilo da presente nota, registro episódio em sala de aula em Harvard (idos dos anos 70), em curso de Lógica para "undergraduates". Apenas iniciada a aula, propõe o professor Quine uma provinha ("a quiz", dizia ele). Como sob todos os meridianos do mundo, um aluno reclamou que não havia sido avisado. A que o professor Quine secamente respondeu: "Everybody loves me, except my baby. I'm my baby". Nada mais! A provinha foi realizada.

Voltando ao colóquio, se tiro um ensinamento do comentário feito nos corredores, além da verve que ele revela, penso que as contribuições tanto da Filosofia Analítica quanto da Filosofia Continental (destacada sua facção francesa, ou não) demoram alguns anos (talvez efetivamente vinte ou mais!) para serem lidas e levadas em conta tanto por um lado quanto por outro.

O artigo de Rorty na Folha de São Paulo (Caderno "Mais!" de domingo, 2 de fevereiro de 97) traz à baila livro de Bouveresse: "Wittgenstein reads Freud". A curiosidade me levou a consultar o original francês. Os artigos que servem de base para o livro datam de 1985 e 1988 (!) nos dizeres do próprio Bouveresse.

O colóquio foi ocasião única de confronto e...atualização entre Filosofia Analítica e Filosofia Continental (do continente europeu, entenda-se).

A G E N D A

As Faculdades Integradas Newton Paiva estarão oferecendo, a partir de março de 97, um curso de pós-graduação e especialização em Saúde Mental e Trabalho. O curso estará sob a coordenação da psicóloga Maria Elizabeth Antunes Lima, professora da UFMG, mestre em Administração e doutora em Psicossociologia do Trabalho. Maiores informações pelo tel. (031) 330.4511 e 4596.

A PUC/SP estará oferecendo, a partir de março de 97, diversos cursos de especialização e aperfeiçoamento. Serão oferecidos 10 cursos na área de Psicologia, entre eles "Formação em Psicodrama", "Psicopedagogia" e "Psicanálise e Linguagem". Informações pelo tel. (011) 873.3155.

O CEPEMG - Centro de Estudos e Pesquisas Educacionais de Minas Gerais - estará oferecendo, a partir de março de 97, pós-graduação e especialização nas áreas de Recursos Humanos, Educação e Psicopedagogia. Maiores informações pelo telefax (031) 273.3904.

O IEPSI - Instituto de Estudos Psicanalíticos - oferecerá diversos seminários e cursos em 97. O primeiro está programado para o dia 15 de março, sobre o tema "História do Movimento Psicanalítico". Os interessados devem se dirigir à Av. Prudente de Moraes, 44 / Sala 1402, na Cidade Jardim, em Belo Horizonte. Maiores informações pelo telefax (031) 296.7544.

Terá início no dia 6 de março o curso "Produção de Subjetividade e Subjetivação", referente ao terceiro módulo independente do Núcleo de Estudos "Amago", oferecido pelo Instituto Felix Guattari. Informações e inscrições pelo tel. (031) 221.7352.

O GREP - Grupo de Estudos Psicanalíticos - já está com inscrições abertas para os cursos de formação em Psicanálise e outros complementares ao estudo psicanalítico. Início previsto para março de 97. Informações pelo tel. (031) 273.1227.

O Núcleo de Psicanálise, Estudos e Práticas Institucionalistas, entidade que oferece formação teórica e desenvolve práticas nas áreas de Psicanálise, do Institucionalismo e de saberes afins, já está com a sua programação definida para o primeiro semestre de 97. Os interessados devem ligar para (031) 221.8471.

O Centro de Estudos da Relação Psicomotora estará oferecendo, a partir de março de 97, Formação em Psicomotricidade Relacional, com o objetivo de formar psicomotricistas para atendimento preventivo em escolas e creches e/ou trabalho em grupo com crianças portadoras de dificuldades evolutivas. Informações e inscrições com Margarida (344.6206 / 227.6757), Ângela (982.0996 / 344.1159) e Tânia (227.4617 / 221.9705).

Será realizado, no dia 12 de março, o seminário "Psicanálise com Crianças", que terá duração de um semestre e deverá abordar as diferentes teorias referentes à Psicanálise com crianças. Maiores informações pelo tel. (031) 261.5480 ou via internet no <http://www.gold.com.br/~max>.

O psicólogo e pedagogo argentino Jorge Luiz Visca, discípulo de Piaget, estará em Belo Horizonte de 26 de março a 4 de abril, período em que realizará palestras e ministrará cursos sobre a sua teoria da "Epistemologia Convergente", sustentada na Psicanálise, na teoria piagetiana e na Psicologia Social. Os interessados devem contactar Mirtes (463.6219) ou Miraci (344.1250 e 984.1315).

A Sbrash - Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana - realizará, de 18 a 21 de abril de 97, em Belém / PA, o VI Congresso Brasileiro de Sexualidade Humana e V Congresso Norte-Nordeste de Reprodução Humana. Maiores informações pelo tel. (091) 224.6404 e fax. (091) 241.5296.

Será realizado em Porto Alegre / RS, de 19 a 21 de abril de 97, o 7º Simpósio Internacional sobre Obesidade (SISO) - O evento se destina a médicos, psiquiatras, nutrólogos, nutricionistas e psicólogos interessados em se atualizar e discutir quais as estratégias mais corretas na profilaxia, diagnóstico, tratamento e condutas para esse desafiante tema. Maiores informações pelo tel. (051) 330.8905.

O Ministério da Cultura de Cuba estará promovendo, de 4 a 9 de maio de 97, o II Encontro Iberoamericano "Cultura y Desarrollo: Retos y Estrategias". O encontro reunirá profissionais de diversos países em torno do tema "Políticas Culturais: da criação à participação". Maiores informações pelo tel. (537) 301000, 39921, 39922, e-mail csuper@artsoft.cult.cu ou com a agência de turismo Brasil-Caribe, à Rua da Bahia, 1148, sala 627, no Centro, em Belo Horizonte. Tel: (031) 224.1370 e (031) 226.7482.

Centrado no tema "Amor e Solidão em Psicoterapia", será realizado durante os dias 16, 17 e 18 de maio de 97, no Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, o I Congresso Regional de Gestalt-Terapia do GT-Rio. Maiores informações pelo tel. (021) 258.5531.

Será realizado de 28 de maio a 1º de junho de 97, em Beberibe / CE, o VII Encontro Nordestino da Abordagem Centrada na Pessoa - VII ENACP. O evento será realizado pela Universidade Federal do Ceará. Maiores informações pelos tel. (085) 243.2810, 234.0588 e 225.2860, ou ainda pelos e-mails eugenio@iserv.com.br e paulomad@secrel.com.br.

Canela, no Rio Grande do Sul, sediará, de 12 a 15 de junho, o IX Congresso Brasileiro de Psicoterapia Analítica de Grupo e a III Jornada Gaúcha de Psicoterapia de Grupo, promovidos pela ABPAG - Associação Brasileira de Psicoterapia Analítica de Grupo e CEAPEG - Centro de Estudos, Atendimento e Pesquisa de Grupos/RS. Maiores informações pelo telefax (051) 311.2650 e 311.2578 ou ainda pelo e-mail plenary@nutecnet.com.br. Os interessados em apresentar trabalhos podem enviá-los até o dia 31 de março de 97.

Será realizado de 6 a 11 de julho de 97, em São Paulo, o XXVI Congresso Interamericano de Psicologia. Maiores informações pelo fax (55) (11) 852.4062 ou 813.8895, ou ainda pelo e-mail sipcon_97@org.usp.br.

A MRG Consultoria estará oferecendo, durante os dias 10 e 11 de março de 97, o workshop "A Prática da Criatividade", a ser ministrado pelo psicólogo, consultor e escritor cubano Felipe Chibás Ortiz. Maiores informações pelo tel. (031) 463.3188.

Será oferecido em Belo Horizonte, de 10 de março a 5 de maio de 97, o curso "A Prática da Clínica Psicológica em Comunidade de Bairro". Ministrado pelos psicólogos Fernando César de Araújo e Cláudio Alberto Ferreira, o curso será realizado na rua Ceará, 1111, sala 6, Funcionários. Maiores informações pelo tel. (031) 462.6984.

Estão abertas as inscrições para o curso de Psicodiagnóstico de Rorschach, que terá início em março de 97. Maiores informações com a Dra. Maria de Lourdes Pereira Kalil pelo tel. (031) 273.2232 ou à Rua dos Otoni, nº 881 / sala 506, Santa Efigênia, em Belo Horizonte.

CONVÊNIOS

O CRP-04 acaba de firmar um novo convênio que beneficiará todos os inscritos na entidade. Trata-se da Ótica Pupila Ltda., que fornecerá descontos na aquisição de óculos receituários, óculos esporte, lentes especiais e correlatos óticos.

Mediante a apresentação de sua carteira profissional, o psicólogo terá 25% de desconto para compras à vista, 15% de desconto para compras em três pagamentos e 5% de desconto para compras em dois pagamentos, sem entrada. A ótica também oferece assistência gratuita para ajustes e consertos em seus óculos, exceto a reposição de peças.

A Ótica Pupila fica na Rua Tupis, nº 149 - Loja 5 (Galeria Carvalho de Brito, atrás da Igreja São José, no Centro, em Belo Horizonte). Tel: (031) 222.3131.

CLASSIFICADOS

Subloco horários em consultório de Psicologia no Centro. Tratar com Carmelita pelo tel. 461.9421 (horário comercial).

Sublocam-se horários em consultório com secretária eletrônica à R. Guajajaras. Contactar Rosilene pelo tel. 212.4482.

Divide-se consultório de Psicologia à R. Antônio de Albuquerque, 749 / sala 903, na Savassi. Meio período ou a combinar. Tratar com Iolinda pelos tels. 223.3900 (cons.) e 212.2454 (res.).

Parceria em consultório de Psicologia - Procura-se psicólogo(a) interessado(a) em repartir consultório de Psicologia situado na Av. Prudente de Moraes, bairro Cidade Jardim. Tel. para contato: 342.2011.

Subloco consultório todo montado com secretária eletrônica. Ótima localização em Santa Efigênia. Tratar com Sidêa pelos tels. 241.2043 (cons.) e 463.3163 (res.).

Subloca-se consultório de Psicologia à R. Rio Grande do Norte, 726. Tratar com Kátia ou Júnia pelos tels. 398.3048 ou 441.6171.

Subloco consultório de Psicologia na av. Augusto de Lima, 655 / sala 1415, Edifício Central Park, no Centro. Somente na parte da manhã. Contatos pelo tel. 201.3688 (deixe seu recado que entraremos em contato). Preço: R\$ 5,00 a hora.

Sublocam-se horários em consultório de Psicoterapia / Psicopedagogia, à R. Santa Rita Durão, 74 / 1002, Funcionários. Contactar Dora (manhã) ou Conceição (tarde) pelo tel. 282.1452.

Subloco horários em consultório de Psicologia à R. Espírito Santo, 1059 / 315 (quase esquina com av. Augusto de Lima). Tratar com Inês pelos tels. 224.2892 ou 476.4832.

Subloca-se consultório em casa no Santo Antônio. Tratar com João Leite pelo tel. 296.8072.

Subloca-se consultório. Tratar com Regina ou Ângela pelos tels. 463.6061 e 467.5628.

Subloca-se consultório à R. Professor Moraes, 562 / 301, na Savassi. Contactar Dulce pelo tel. 344.2287.

SETORIAIS

Escritórios setoriais do CRP-04 em Minas Gerais e no Espírito Santo

Espírito Santo (EES) - Representante setorial: Lígia Gravata - Rua Desembargador Sampaio, 40 sala 301 Ed. Top Center, Praia do Canto, Vitória/ES - Cep 29055-250 - Tel.: (027) 324-2806. Triângulo Mineiro (ESTM) - Conselheiro residente: Vicente de Paulo Marques de Almeida - Rua João Pinheiro, 546/16 - Piso B, Centro, Uberaba/MG - Cep 38010-040 - Tel.: (034) 333-6522. Zona da Mata (EZM) - Conselheiro residente: Américo Galvão Neto - Avenida Barão do Rio Branco, 2.679/810 - Ed. Stela Central, Juiz de Fora/MG. Cep 36010-012 - Tel.: (032) 215-6779.

A constante interlocução entre Psicologia e Filosofia está presente neste JP, que traz o resumo da tese da psicóloga Jacqueline de Oliveira Moreira, defendida em 11 de outubro passado no Departamento de Filosofia da UFMG. Intitulada "A negação da Vontade: o problema da fundamentação da moral na filosofia de Schopenhauer", a dissertação teve a doutora Maria Lúcia Cacciola, professora do Departamento de Filosofia da USP, como orientadora. Os interessados em consultá-la podem recorrer ao CRP-04.

Jacqueline de Oliveira Moreira

Schopenhauer pode ser considerado como um dos últimos filósofos do Idealismo Romântico alemão. Mas a violenta crítica a Fichte, Schelling e Hegel denuncia a sua discordância com seu tempo. Schopenhauer não se enquadra perfeitamente na tradição racionalista. Para ele a razão é uma mera função da Vontade. Esta afirmação lhe custou a designação de filósofo irracionalista. Diante dos racionalistas, a filosofia schopenhaueriana aparece como uma pedra de escândalo, um signo de contradições. As etiquetas de irracionalista e pessimista, por vezes, encobrem uma atitude de depreciação do pensamento schopenhaueriano, prejudicando, assim, o estudo de suas idéias.

Não devemos fazer um juízo de valor das idéias de Schopenhauer, devemos aprender com Schopenhauer, sobretudo aprender as possibilidades éticas vislumbradas por este filósofo enquanto saídas para a vida diagnosticada como miserável. Acreditamos que a reflexão ética de Schopenhauer, que inclui o diagnóstico da existência humana e as propostas de salvação, constituem a pedra de toque do caráter intempestivo do pensamento schopenhaueriano. A ética da compaixão parece-nos urgente e adequada para nossa atualidade. A concepção ética de Schopenhauer interpela provocativamente o narcisismo de nossa época e revela a urgência da renovação.

É importante ressaltar que Schopenhauer não estabelece um tribunal da razão para julgar o egoísmo e o narcisismo humano. Na verdade Schopenhauer renuncia à idéia de que o homem é um ser originalmente dotado de razão, a Vontade é a força original. Neste sentido Betancourt revela: "Para Schopenhauer, em efeito, o egoísmo se confunde praticamente com o núcleo do indivíduo [...] ...ser homem significa ser egoísta... [...] o egoísmo é o curso próprio da Vontade de viver... [1]". Entretanto, essa consideração da Vontade como força original aponta para a divergência de Schopenhauer com seu tempo. Ele mesmo anuncia no manuscrito de 1820:

"Minha época não constitui o âmbito em que se exercerá minha influência; é só o sonho que sustenta minha pessoa física... [2]"

Esta intuição de Schopenhauer é confirmada na história. Sabemos de sua influência direta em pensadores como Nietzsche, Freud, Horkheimer e outros. Nietzsche e Freud irão valorizar a idéia schopenhaueriana da vontade como força motriz. Em Nietzsche teremos a *Vontade de Potência*; em Freud o dualismo pulsional expresso pela luta titânica entre *pulsão de vida* e *pulsão de morte* pode ser considerado uma nova versão da teoria schopenhaueriana da *Afirmção e Negação da Vontade*.

Para Schopenhauer, a Vontade é a essência de todas as coisas. Mas o que quer a Vontade? A Vontade quer se afirmar, num esforço eterno e despropositado; uma luta inconsciente (3), uma luta pela vida. A vontade é a-razional; isto explica o querer despropositado e atormentado. A Vontade é uma, é a mesma em todas as suas manifestações. Os diferentes graus de objetivação da Vontade irão espelhar facetas da Vontade infinita e irão constituir uma pirâmide de objetivação, em cujo ápice o homem se situa. O homem é a mais elevada e

A atualidade da proposta ética de Schopenhauer

perfeita objetivação da Vontade. Mas não devemos nos enganar, todo esse processo de ascensão crescente na objetivação da Vontade não se dá sem luta. Primeiro porque os fenômenos superiores incorporam os inferiores, e ainda porque existe uma dependência alimentar decrescente no reino da objetivação da Vontade.

A Vontade é uma tendência, uma pulsão (*Trieb*) agressiva, mas não no sentido de violenta, e sim como um tendência afirmativa e ativa. A Vontade em todos os seus estados tem de ser movimento, esforço contínuo de satisfação. No homem, mais perfeita manifestação da Vontade, poderemos visualizar o potencial afirmativo da vontade. Segundo Schopenhauer:

"... a raça humana, que consegue submeter todas as outras, considera a natureza como uma imensa fábrica que responde à satisfação das suas necessidades, e acaba por manifestar nela esse divórcio da Vontade, do modo mais evidente... [4]"

A pluralidade da manifestação fenomênica da Vontade Uma marca o divórcio desta consigo mesma. E o sujeito que não percebe que a diferença entre os seres é *ilusória* torna-se um enfermo metafísico. O ponto de partida e fio condutor da explicação da atividade humana é a evidência metafísica de que o homem, prisioneiro do princípio de individuação, padece de uma enfermidade porque não reconhece a *unidade radical entre os seres*. A essência desse indivíduo enfermo é uma carência. A Vontade de viver impulsiona o indivíduo a satisfazer seu desejo, assegurar sua existência. Para Schopenhauer a manifestação da Vontade nesse enfermo metafísico é traduzida como egoísmo. Este é um dos pontos fundamentais da análise ética schopenhaueriana. O homem atua normalmente movido pelo egoísmo. Essas reflexões éticas de Schopenhauer nos parecem descrições interpretativas que permitem compreender o sentido do comportamento do homem de nossa época. O primeiro passo para a construção de uma ética é o diagnóstico do estado da existência humana. No domínio da afirmação da Vontade reina o egoísmo, principal fonte anti-moral. Assim Schopenhauer revela:

"A ausência de toda motivação egoísta é, pois, o critério de uma ação de valor moral" [5].

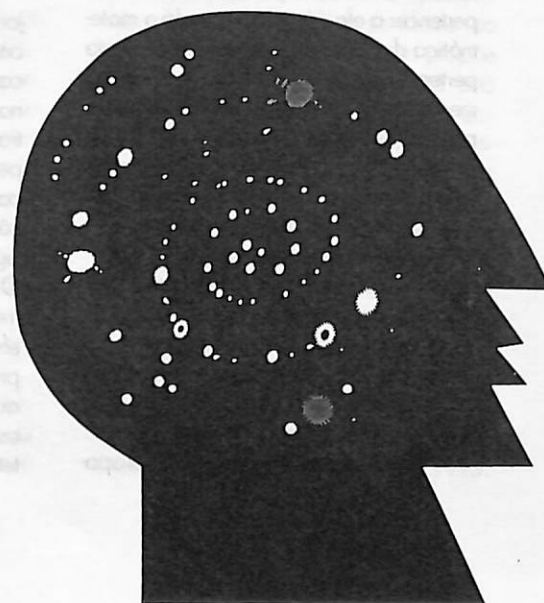
O homem pode apaziguar o egoísmo, a cobiça e a hostilidade em alguns momentos. A contemplação estética e a ação ética são saídas temporárias do mundo fenomênico descrito como um hospício de egoístas. O sujeito prisioneiro do princípio de individuação não consegue fugir do sofrimento, do egoísmo e da crueldade. A vida fenomênica não porta em-si a possibilidade de felicidade, pois estando o indivíduo preso ao seu egoísmo, irá buscar inutilmente uma satisfação para seu desejo vulgar, deslizando de objeto em objeto sem nunca encontrar a realização.

É surpreendente a atualidade do pensamento schopenhaueriano - com sua filosofia podemos compreender acontecimentos como Hiroshima, Auschwitz e tantos outros retratos da barbárie humana. Mas não devemos valorizar apenas o pessimismo de Schopenhauer, suas reflexões sobre a moral nos parecem muito frutíferas, não apenas por apontar os limites da discussão ética, mas sobretudo ao propor uma ética da compaixão. Em tempos de narcisismo sombrio onde impera o egoísmo destruidor, a proposta ética

schopenhaueriana pode interpelar nossa atualidade, revelando o caráter intempestivo das idéias de Schopenhauer. Como revela Betancourt, em brilhante artigo denominado *En Favor de Schopenhauer*, devemos reconhecer não a atualidade de Schopenhauer, porque ele está fora de qualquer época. Mas a urgência de Schopenhauer para nosso tempo. Sua filosofia surge como uma possibilidade: "frente à frivolidade e superficialidade características de nosso tempo, frente a nossa atualidade adoradora do êxito e do bem-estar material, frente a nosso homem atual tão inclinado ao egoísmo e à busca de prestígio, Schopenhauer nos propõe um caminho de meditação (...) de negação do eu e de superação da individualidade" [6].

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BETANCOURT, R. F. *En Favor de Schopenhauer. Logos*. Vol. XI, 33, Sept-Dec, 1983, p.72.
2. Citado por: SAFRANSKI, Rüdiger *Schopenhauer y los años selvaes de la filosofía*. Madrid: Alianza, 1991 p. 364.
3. Parece-nos importante ressaltar que Schopenhauer foi precursor da psicanálise em temas como o inconsciente, o recalque, os sonhos e a pulsão de morte. Segundo Marrades "a dialética, presente na filosofia de Schopenhauer entre a dimensão oculta de nossa vontade e a função auto-complacente de nossa inteligência, que trata de preservar uma falsa imagem de nós mesmos como seres racionais e morais, não tem só um interesse epistemológico, senão também, e especialmente, uma significação ética e antropológica, e aponta na direção de uma análise do psiquismo humano que Freud haveria de desenvolver mais de um século depois". MARRADES, J. *Autoconocimiento y cuerpo en Schopenhauer*. In: URDANIBIA, J. (Coord.) *Os Antihegelianos: Kierkegaard y Schopenhauer*, Barcelona: Anihropos, 1990, p. 205 *Sobre a influência de Schopenhauer na Psicanálise freudiana* ver: ASSOUN, P.L. *Freud, Filosofia e Filósofos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978
4. SCHOPENHAUER, A. *O Mundo como Vontade e Representação*. Tradução M. F. Sá Correia. Porto/Portugal: Rés, [s.d.] p. 132
5. _____, *Sobre o Fundamento da Moral*. Tradução de Maria Lúcia Cacciola. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
6. BETANCOURT, R. F. *En Favor de Schopenhauer. Logos*. Vol. XI, 33, Sept-Dec, 1983, p. 59.



Este JP tem a seção *Entrevista* editada em suplemento especial, o que abriu espaço para as seções *Extra* e *Ressonância*. Aqui temos a contribuição da psicóloga e psicanalista Thais Dias Gontijo, membro da Associação Psicanalítica Aleph – Psicanálise e Transmissão. Ela parte da seguinte questão – “Podem os dispositivos ter consequências no mal estar das instituições?”. E propõe um dispositivo para apresentação em jornadas.

Experiências do Desejo

Vias para um trabalho coletivo

Thais Dias Gontijo

A carta de Princípios do Aleph supõe um coletivo de analistas, tendo como direção ética a transmissão da Psicanálise, distinto da estrutura de grupo em que a dimensão imaginária do saber tem por consequência efeitos de idealização. “A transmissão da Psicanálise é a razão de uma Escola e define-se como ato de Transmissão de um desejo inédito”. Assim, os cartéis passam a ser considerados como o núcleo de transmissão do saber analítico, articulando psicanálise em intensão (formação do psicanalista mediante a própria análise) e psicanálise em extensão (o trabalho sobre a teoria).

Um cartel, o que é?

O dispositivo do cartel consiste em que quatro pessoas se reúnam para trabalhar um determinado tema. A conjunção dos quatro se faz em torno de um *mais-um* que é eleito pelo grupo. Esse *mais-um* é responsável pela provocação do trabalho e pela desarticulação dos fenômenos imaginários que ali ocorrem. O cartel deve ter um produto, produto próprio de cada um e não coletivo. Por isso Lacan institui o dispositivo do cartel como uma experiência radicalmente nova para obter uma distribuição da responsabilidade coletiva.

O Aleph constitui-se em espaços de transmissão tendo como base o funcionamento em cartel, fundamentando-se na estrutura de enodamento, na qual a função do *mais-um* suporta a assimetria necessária à produção de cada um. Cartel vem da palavra cardo e tem sua relação com o número quatro, “sendo sua estrutura a do nó borromeano, ou seja, $x + 1$, onde x é o número de anéis e um a qualidade borromeana”.¹

O cartel possui uma estrutura que considera o elemento exterior, o *mais-um*. Os participantes do cartel não são necessariamente membros do Aleph, nem analistas. Neste contexto, os cartéis estão contidos no Aleph sem, no entanto, pertencer a ele, já que, segundo a matemática dos conjuntos, para um conjunto pertencer a um outro todos os seus elementos devem ser elementos do conjunto maior. Este lugar, portanto, é ao mesmo tempo núcleo da transmissão no Aleph e externo a ele. O cartel é um dispositivo que propõe uma abertura a não-analistas e a outros saberes.

O tratamento do coletivo e dos efeitos de grupo sempre foi uma das maiores preocupações de Lacan. “A responsabilidade essencial da Escola é fazer avançar a psicanálise, e não constituir uma casa de repouso para veteranos”.²

A partir da teoria de cartéis, propo-

mos um dispositivo que introduz um modo de funcionamento para evidenciar o trabalho em cartel. Os trabalhos escritos com uma certa antecedência são encaminhados ao Cartel de Borda, que cuida da distribuição dos textos aos Cartéis de Transmissão do Aleph. Estes se encarregam de conduzir as discussões, levantar as questões que cada texto suscita e provocar a interlocução com os participantes da Jornada, sustentando o debate com os autores dos textos. É um dispositivo que contribui para questionar as formas estabelecidas e que se caracteriza por sua revolução em anunciar as perdas de referência e lugares comuns que, geralmente, uma instituição fornece como “lugares de garantia”. Nesse dispositivo se estabelece nossa determinação de levar às últimas consequências a formalização produzida por Lacan.

O autor, deslocado do lugar em que o discurso recebe a acolhida que lhe é prevista, escuta o próprio texto como se fosse outro. Este deslocamento do autor supõe um primeiro efeito de renúncia, tal como ocorre no procedimento do passe, no qual o passador é falado. Surge daí um novo texto? Aparece aí neste lugar uma rachadura, que desfaz o lugar que anteriormente mais convinha à fala ou à própria leitura do texto. A relação entre autor e texto fica assim submetida a um cálculo, que supõe um risco a ser verificado no *après-coup*. A palavra pronunciada não reproduz necessariamente o escrito. Poderá encontrar aí tanto uma textura conhecida, como também novas inscrições. Assim o dispositivo supõe uma outra maneira de lidar com o nome próprio, submetendo-o à função do coletivo.

Não temos garantias de que estamos fazendo o melhor. Buscamos outras respostas a partir das sugestões de Lacan, nos intervalos de verificação. São os próprios efeitos do dispositivo que responderão por ele, e nesse caso o coletivo é o júri.³

Ao propor tal dispositivo para a Jornada, reordenamos as formas tradicionais de apresentação de trabalhos. Os cartéis de transmissão são os cartéis que naquele momento estão responsáveis pela transmissão dos textos de Freud e Lacan, pela clínica, pela psicanálise com crianças (constituição do sujeito), pela formação de cartéis, pela borda da instituição, lugares de sustentação da transmissão. O cartel é uma estrutura aberta a não-membros e a não-analistas, e sofre os efeitos da dissolução: sua duração é prevista para, no máximo, dois anos. O autor do texto participa da jornada na escuta do produto do cartel. Lacan nunca teria dito que o produto de cartel é uma

sucessão de paráfrases. Se o sujeito não se reconhece no texto e se o sujeito se reconhece por identificação, podemos apostar que o dispositivo intervém pelo menos nessa questão.

Trata-se de confirmar, no dispositivo, que um sujeito frequentou suficientemente a causa para fazer sua transmissão. “A Escola é o avesso da Sociedade das Máscaras. *Elas cantam em tom menor o amor vitorioso e a vida oportuna. A Escola canta os engodos do amor e o saber oportuno...*”⁴

Tratemos então os dispositivos como exercícios do desejo. O exercício do desejo é o tratamento dado ao discurso no seu conjunto. Uma nova ordem da relação simbólica. Lacan propõe que no cartel se faça um produto próprio de cada um. Esse produto não é necessariamente uma folha de papel datilografada. O escrito se diferencia da palavra porque sem o escrito não se pode questionar a ordem simbólica. O escrito é um compromisso com o singular. O produto do cartel é o que se lê. Uma leitura não deixa outra escolha a não ser o trilhamento do texto, um retorno ao texto. Ler, etimologicamente, vem de *legere*: juntar, recolher o que estava lá. Não há enunciação coletiva do sujeito. Somente a partir do escrito se pode construir a lógica e a topologia.

Baseando-nos nessa idéia de que o produto do cartel é o que se lê e que o cartel é o dispositivo para lidar com a lógica do coletivo, base para a Escola, dispositivo para nomear os AE da Escola, ainda nos restam questões: a lógica do coletivo é a mesma que rege a lógica do inconsciente? O cartel é a única via para essa passagem? Existe alguma relação entre os dispositivos e o desejo?

A lógica que Lacan propõe é uma só, o que difere é o tratamento dado ao coletivo e ao singular. O cartel é um dispositivo para dar um tratamento aos efeitos de grupo no coletivo. O dispositivo da jornada se constrói a partir do que resta de um texto. Cada texto é marcado por um estilo, estilo esse no qual podemos colher seus efeitos. Assim como Lacan fala de Freud e por seu testemunho, estamos a fazer o exercício do testemunho, que podemos nomear como o retorno ao texto, na posição de enunciador. O dispositivo propõe um discurso onde o texto é um discurso segundo, não para marcar um lugar desertado, mas para marcar este outro lugar que agora cerne o discurso. Podemos denominar esse lugar de presença ausente. Sabemos que não há verdade sobre a verdade, mas trata-se de uma tomada de palavra que constitui o reconhecimento do grande Outro, além da

identificação imaginária. O dispositivo faz o texto existir em outra dimensão. Não queremos nos ater ao texto apenas como um dado ou um argumento: tal postura não vale, senão ao preço de deixar de lado, ou pelo menos suspensa ou encoberta, a questão da transferência, que nos permite passar à discursividade analítica.

A transmissão não é transmissão de um saber: trata-se da transmissão do que é a psicanálise – um certo saber que não perde sua relação com o real. O estilo é o objeto, o impronunciável que atravessa o texto, a causa que desliza entre as linhas, o indecifrável que corre entre as palavras. O contorno ao objeto, a maneira de lidar com a falta, isso é o estilo. Ao falar de provocação, Lacan estaria fazendo referência ao conceito de causa, função do agente.

Os efeitos do cartel seriam o de agir como objeto causa de desejo, a do separador que não permite que saber e verdade estejam unidos. Supõe-se que o analista tenha atravessado esse momento de destituição subjetiva. Os dispositivos, parafraseando Lacan, servem para levar os participantes a tirar conclusões nas quais seja preciso dar de si.

“Os todos, é o relâmpago que os rege...” “Se não temos resultados mais luminosos a lhes dar do que resulta dessa experiência” é porque também temos que ficar na ordem da espera, para ver aonde isso vai dar... “Esses efeitos são talvez estragos... estragos é o que pode nos acontecer de melhor”.⁵

Mesmo com as melhores intenções, não nos devemos ater às primeiras impressões, como diz o velho ditado popular “as primeiras impressões são as que ficam”. Aqui ficamos com Baltazar Gracian: não devemos ceder à primeira impressão. “Haja sempre lugar para revisões, guarde Alexandre a outra orelha para a outra parte”. O desejo do Outro como nova ordem simbólica posta em causa, pois onde o desejo cessa o temor começa, porque impera o gozo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - Jimenez, Stella (org.). *O Cartel* - Rio de Janeiro: Campus, 1994
- 2 - Lacan, Jacques. *Um procedimento para o passe*, in *Documentos para uma Escola II. Lacan e o Passe*. Revista da Letra Freudiana. Rio de Janeiro: 1995 - Ano XIV.
- 3 - Gontijo, Thais D. *Texto de Abertura da Jornada sobre Interpretação e Escrita*. Inédito, 1995.
- 4 - Laurent, Eric. *Versões da Clínica Psicanalítica* - Rio de Janeiro, Zahar Ed. 1995.
- 5 - Lacan, Jacques. *Sobre a Experiência do Passe* in *Documentos para uma Escola II. Lacan e o Passe*. Revista da Letra Freudiana, Ano XIV, 1995.

Neste JP, o psicanalista Paulo de Carvalho Ribeiro, professor do Departamento de Psicologia da Fafich / UFMG, dá continuidade à reflexão sobre a questão dos gêneros no mundo contemporâneo, ao traçar um comentário sobre artigo da psicanalista Suely Rolnik publicado na edição anterior. O texto de Rolnik com o qual Paulo Ribeiro propõe um diálogo chama-se "Guerra dos Gêneros e Guerra aos Gêneros".

Paulo de Carvalho Ribeiro

Em recente artigo publicado no *Journal do Psicólogo*, Suely Rolnik alerta para o perigo de transformar a guerra dos gêneros numa guerra contra a infinitude do processo de produção de diferenças. Depois de ressaltar a facilidade bem brasileira de "nos desfazer das figuras vigentes, e com elas das identidades de gênero" (marcas de uma certa "antropofagia" afirmada positivamente por um dos movimentos do Modernismo brasileiro), ela conclui seu artigo afirmando: "Ao lado da guerra de gêneros é preciso cada vez mais levar uma guerra contra a redução da subjetividade ao gênero. Uma guerra de híbridos, mestiços, antropófagos."

Este ponto de vista suscita uma questão importante: seriam os gêneros, de fato, um elemento de estabilidade identificatória, através do qual os personagens se classificam segundo uma lógica binária de oposições e contradições, esquivando-se, assim, da lógica da multiplicidade e dos devires, da processualidade e da contínua produção de diferenças?

É inegável que os gêneros remetem às figuras do masculino e do feminino e que essas figuras participam de um trabalho de estabilização da subjetividade. Neste sentido, os gêneros solidarizam-se com o trabalho do eu, opondo-se à força disruptiva das pulsões parciais ou ao que poderíamos chamar (na esteira de Freud e Laplanche) de 'ataque interno da pulsão'. No entanto, longe de funcionar como um antídoto capaz de neutralizar esse ataque, o eu e todo seu cortejo de identificações (onde se destacam as representações de gênero) é uma instância de conflito e sede de toda a angústia. É justamente a partir do caráter defensivo do eu que uma série de elementos potencialmente traumáticos adquirem, a posteriori, toda sua eficácia desestabilizadora. Em outras palavras, sem o concurso do eu não haveria esta potência geradora de crises e diferenças que é o conflito psíquico.

Reduzir os gêneros a figuras de estabilização significa, aproximadamente, incorrer no mesmo erro de reduzir o eu a uma instância de estagnação imaginária da subjetividade. Na verdade não é necessário muito esforço para reconhecer na aparente simplicidade da oposi-

ção masculino/feminino um núcleo proliferativo de identificações que circulam com maior ou menor fluidez, mas sem jamais formarem esta espécie de coágulo que seria uma identidade de gênero definitivamente consolidada. A afirmação da masculinidade ou feminilidade, longe de ser a evidência de uma identidade, traduz justamente o trabalho permanentemente exigido pela instabilidade intransponível gerada a partir da incidência da diferença dos gêneros sobre o psiquismo humano. Diferentemente de outras oposições, como as raciais ou étnicas, a oposição masculino/feminino ultrapassa largamente as implicações sociais, econômicas ou culturais e só exibe o principal de sua eficácia no campo pulsional. Não há na afirmação *eu sou homem* nenhum conforto semelhante ao que eventualmente poderia haver na afirmação de uma identidade racial. A afirmação *eu sou branco*, por exemplo, é de ordem completamente diversa, a menos que *branco* venha carregado de elementos pulsionais. Não há tampouco a possibilidade de mestiçagem quando se trata de gênero. Categorias tais como andrógino ou bissexual não podem ser comparadas com mulato ou caboclo já que não se trata, nas primeiras, de amálgama, mistura ou hibridação, formando, a partir de dois, um terceiro elemento distinto. Trata-se sim de uma acentuação da diferença

e da oposição sexual que participa da constituição da subjetividade e que, nesses casos, se manifesta de forma até mais evidente do que quando ela (a subjetividade) pretende se afirmar como exclusivamente *andro* ou exclusivamente *gino*.

Para ser provocativo, gostaria de sugerir que boa parte, se não a totalidade, do que Suely Rolnik situa no plano do "invisível" (que se opõe ao visível das figuras), ou seja, "movimentos de fluxos desenhando composições e desfazendo outras, aglutinações de novas composições produzindo diferenças", etc., são movimentos que se aproximam do processo primário, do princípio de livre trânsito das representações e afetos, do escoamento sem barreiras, tendendo para o zero. São, enfim, movimentos solidários com a pulsão de morte, que remetem à oposição dos gêneros através da clássica associação deste tipo de economia libidinal com o feminino. Seja pela via do real laciano, onde um feminino não simbolizável guarda toda a proximidade com o além do princípio do prazer; seja pela via da relação privilegiada entre a sexualidade feminina e a dispersão libidinal¹, a "lógica das multiplicidades e dos devires", uma vez remetida à lógica pulsional, acaba por reencontrar a lógica dos gêneros.

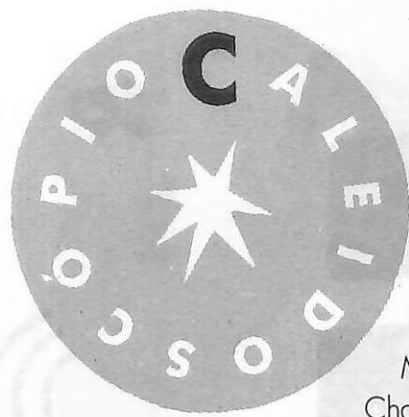
Mesmo que possamos imaginar uma situação em que, do ponto de vista da figura, a oposição dos gêneros deixasse

de existir, os fantasmas sexuais e as modalidades de gozo sexual se dividiriam, ainda assim, em componentes masculinos e femininos. Dito de outra forma, a sexualidade garante a oposição que anima as figuras do masculino e do feminino. Mesmo que nos séculos vindouros a diferença dos gêneros venha a se mascarar através de um androginismo generalizado, e que até mesmo as diferenças anatômicas venham a ser abolidas por uma engenharia genética totalitária, ainda assim os seres humanos terão uma superfície corporal com orifícios passíveis de ser penetrados e apêndices próprios à penetração. Diferentes preferências subsistirão e não se limitarão às diversas formas de experimentar sensações corporais, mas se disseminarão em fantasias de dominação e submissão, de coesão e dispersão, de vida e de morte. Basta que haja um corpo, qualquer que seja ele, para que haja diferença, e toda diferença se deixa invadir pelo sexual, toda diferença se sexualiza ao mesmo tempo em que gera figuras.

Levando este argumento às últimas consequências, podemos afirmar que enquanto a subjetividade tiver alguma relação com o corpo e com o que Didier Anzieu denominou de 'eu-pele', qualquer veleidade de superação das oposições estará condenada a encontrar obstáculos inerentes à própria existência das dimensões de interioridade e exterioridade. A antropofagia, seja a dos indígenas ou a dos modernos, é um ato de incorporação que busca reduzir a alteridade ao eu-mesmo num movimento que mimetiza a própria constituição do eu a partir de identificações invariavelmente incorporativas. Na verdade isso quer dizer apenas o óbvio: a oposição dos gêneros não é independente da oposição eu/outro. Quando se propõe uma guerra aos gêneros tudo já está preparado para que a oposição dos gêneros incida sobre o próprio dispositivo que pretende combatê-la. Entre a oposição dos que guerreiam contra ou a favor dos gêneros e a oposição entre os guerreiros e as guerreiras a distância é bem menor do que inicialmente pode-se suspeitar. A guerra aos gêneros acaba por reproduzir a mesma lógica dos gêneros.

¹ Cf., p. ex., Jacques André, *Aux origines féminines de la sexualité*, Paris, PUF, 1995.





O BISA - Boletim Informativo sobre AIDS - lançou, em novembro de 96, o livro "Ação e VIDA: respostas comunitárias à epidemia do HIV / AIDS em BH" * Participaram da publicação Aidê Ferraz, Dária Zuffo, Edson Oliveira, Geraldo Silva, Luiz Morando, Maria Bernardete, Mariza Roedel, Regina Célia, Roberto Chateaubriand, Rodrigo Guimarães, Rosângela Macedo, Sueli Nascimento e Willian Castilho *

Os interessados na publicação podem contactar o GAPA pelo tel. (031) 271.2126 ou o psicólogo Rodrigo Guimarães, organizador da publicação, pelo tel. (031) 373.3012 * Com o objetivo de orientar os profissionais que atestam e emitem LAUDOS de avaliação, o Ministério da Previdência e Assistência Social acaba de elaborar um caderno de instruções complementares * O caderno é destinado a diversas CATEGORIAS das áreas médica, terapêutica e educacional que trabalham com o Benefício de PRESTAÇÃO Continuada, instituído pela Lei Orgânica de Assistência Social e regulamentado em dezembro de 95 * Este benefício é devido à pessoa portadora de deficiência física e/ou mental e ao IDOSO maior de 70 anos que não possui meios de se sustentar ou obter ajuda da família * O livreto esclarece o profissional quanto às normas para o preenchimento do "requerimento de AMPARO assistencial", curatela, TUTELA, emissão de atestados de inexistência de atividade remunerada e de laudos de avaliação para portadores de deficiência * O Ministério solicita aos técnicos que estejam atentos à legislação VIGENTE. Maiores informações com Simone de Almeida, chefe da Secretaria de Assistência Social em MG, pelo tel. (031) 292.2981 ou 275.2728 * Um grupo de psicólogos de Belo Horizonte está preparando o lançamento de um JORNAL especializado em abordar o estudo dos sonhos * A publicação será voltada para o PÚBLICO leigo e tem o objetivo de DIVULGAR a importância desse fenômeno na vida das pessoas * O jornal sairá em formato tablóide, com 8 ou 12 páginas e se chamará "SONHOS". A distribuição será gratuita * A equipe está em busca de artigos sobre o tema para publicação, independente da abordagem profissional. Os interessados em COLABORAR podem contactar o psicólogo Fernando Rocha Nobre pelo tel. (031) 223.9044 ou e-mail fnobre@net.em.com.br * Será lançado no dia 31 de março, às 20 horas, no Centro Cultural e Empresarial "João de Oliveira Campos", o livro "GRAVIDEZ e Identidade do Casal" * Sua autora, Maria Igês Costa Moreira, é psicóloga e professora do Departamento de Psicologia da PUC/MG. O livro foi editado pela Rosa dos Tempos, do Rio de Janeiro * O Centro Cultural fica na R. Domingos Vieira, 343, conj. 207/8, em Santa Efigênia. Telefax: (031) 241.3751 * O Centro de Estudos Freudianos de Governador Valadares acaba de lançar o nº 1 da Revista ALÉTHEIA * O tema abordado nesta edição foi a questão PATERNA * Os interessados em conhecer a publicação podem ligar para (033) 271.1466

TOME NOTA

Você sabia...

- Que em caso de viagem ao exterior ou doença comprovada que impeça o exercício da profissão, o psicólogo pode interromper a sua inscrição, ficando isento do pagamento de anuidade pelo tempo correspondente?
- Que em caso do psicólogo não estar mais atuando na área da Psicologia, é necessário que ele faça o cancelamento de sua inscrição no Conselho, para que fique isento do pagamento de anuidades? Basta um pedido por escrito e a devolução da carteira profissional.
- Que a Classificação Brasileira de Ocupações descreve detalhadamente a função do psicólogo como psicólogo clínico, do trabalho, do trânsito, jurídico e escolar?
- Que o II Congresso Nacional da Psicologia aprovou teses da maior importância para o nosso exercício profissional? Algumas delas estabelecem que:
 - O laudo sobre avaliação psicológica deve ser fruto de discussão entre os agen-

tes envolvidos no processo (sujeito avaliado, família e instituição que pediu a avaliação, se for o caso).

- O laudo pode ser lido com o sujeito avaliado e responsável que pediu a avaliação, devendo ser escrito em linguagem acessível, e necessariamente estabelecendo relações entre as afirmações do relatório e o motivo pelo qual foi pedida a avaliação.

- Os laudos emitidos por psicólogos devem evitar o uso de rótulos que segreguem e estigmatizem o ser humano.

■ Você sabia que o II CNP também reiterou a posição de manter e intensificar a luta contra a abertura, sem critérios, de novos cursos de graduação em Psicologia, buscando com isso diminuir a proliferação indiscriminada de novos cursos?

■ Caro psicólogo, essas são informações úteis para o seu cotidiano na profissão e para a sua relação com o Conselho. Em caso de dúvidas no decorrer do seu procedimento profissional, procure a equipe técnica. Teremos prazer em atendê-lo. De segunda a sexta, de 12h30 às 18h30, pelo tel. (031) 261.1146.

- **O CESIR - Núcleo Romain-Thiers Ltda. deseja promover grupos de formação em Sociopsicomotricidade Romain-Thiers nas cidades de Barbacena, Cataguazes, Divinópolis, Ipatinga, Montes Claros, Sete Lagoas, Teófilo Otoni, Três Corações e Uberaba.**
- **Procuramos profissionais interessados em assumir a responsabilidade de coordenar grupos em cada uma das cidades acima.**
- **Enviar curriculum vitae para CESIR, Rua Conde de Bonfim, 44, sala 1202, Rio de Janeiro - RJ - 20.520-053. CRPPJ05/0177**

DISQ FREUD

OBRAS COMPLETAS • NOVA EDIÇÃO • GARANTIA

PORTUGUÊS - 24 volumes - Editora Imago
À vista 350,00 • 2 x 185,00 • 3 x 130,00 • 4 x 105,00
(Atendemos volumes avulsos)

CASTELHANO - 25 volumes - Editora Amorrortu

ESPAÑHOL - 3 volumes - Editora Nueva

TRADUÇÕES DO ALEMÃO - sob consulta

Atendemos em todo o Brasil • Entrega a domicílio • 2º a sábado das 8h às 21h • C.G.C. 72.082.308/0001-34

Tels: BH (031) 330.5500 bip JLM - RJ (021) 442.2430

JORNAL DO PSICÓLOGO

Publicação do Conselho Regional de Psicologia 4ª Região (MG/ES) - CRP-04
Rua Tomé de Souza, 860/10º andar - Savassi - CEP 30140-131 - Belo Horizonte-MG
Tel.: (031) 261-1146 - Telex: (031) 392882 - Fax: (031) 261-6143

Diretoria: Ricardo Figueiredo Moretzsohn, presidente; Dannusa Gomes Prates Braga, vice-presidente; Elvira Lídia Pessoa de Oliveira, secretária; Regina Maria Coelho Ferreira, tesoureira.

8º Plenário: Conselheiros: Adenise Elza Hethel da Silveira; Américo Galvão Neto; Antonieta Guimarães Bizzotto; Aparecida Maria de Souza Cruvinel; Arlete Marchiori Macedo Diniz; Carmen Eugênia Bretas Bavoso; Celso Francisco Tondin; Danusa Gomes Prates; Edith Lins Eto; Elvira Lídia Pessoa de Oliveira; Fernanda Otoni de Barros; Gerson Alves Vieira; José Walter Albinati Silva; Maria Aparecida de Oliveira Krolman; Maria Lúcia Vasconcelos Montes; Octávio Candiani; Regina Maria Coelho Ferreira; Ricardo Figueiredo

Moretzsohn; Terezinha Marta Colombo Drummond; Vicente de Paulo Marques de Almeida; Zulma Canuto.

Coordenadoria Técnica: Júlio Flávio de Figueiredo Fernandes
Assessoria Jurídica: Rafael Pimenta

Editado pela Assessoria de Comunicação Social do CRP-04
Coordenação geral: Ricardo Moretzsohn
Comissão Editorial: Fernanda Otoni, Mariana Mendonça e Ricardo Moretzsohn
Jornalista responsável: Luciana Tonelli (MTb 4685/MG)
Programação visual: Marcelo Xavier
Ilustrações e fotografias: Marcelo Kraiser e Marcelo Xavier
Edição gráfica: Cláudia Barcellos Guimarães (MTb 2109/MG)
Impressão: Editora Lítero Maciel
Tiragem: 11.500 exemplares

As matérias assinadas são de exclusiva responsabilidade de seus autores. O Jornal do Psicólogo as publica por acreditar na diversidade das idéias.

Aqui temos a resenha que a psicóloga e psicanalista Nilza Rocha Féres escreveu sobre o livro "As Estruturas Clínicas e a Criança", de Yolanda Mourão Meira. O livro foi lançado recentemente pela A.S. Passos Editora, de Belo Horizonte.

A Criança na Estrutura

Nilza Rocha Féres

A publicação de "As Estruturas Clínicas e a Criança", pela Editora A. S. Passos, da autora Yolanda Mourão Meira, psicanalista e ex-professora da Universidade Federal de Minas Gerais, surge em um momento oportuno e traz uma grande contribuição a este tema sobre o qual há uma grande carência bibliográfica em língua portuguesa.

A autora reuniu neste livro uma coletânea de artigos escritos em momentos distintos, mas que apresentam um fio condutor, que é situar a criança na estrutura, tomando esta como a linguagem. E mais, trata-se de um escrito que vem testemunhar este encontro sempre faltoso com o real e que a clínica e a exigência ética vai insistir no seu tratamento pelo simbólico, através de uma escrita formalizada sobre a psicanálise com criança, demonstrando que esta é um analisante integral como o adulto.

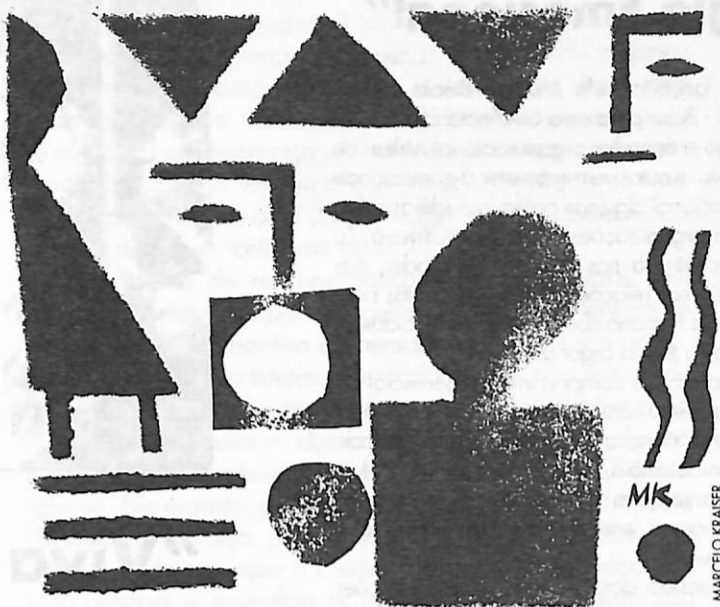
O livro vai levar até as últimas consequências a questão: *embora a criança seja uma presença constante nos consultórios de psicanálise, aí chega conduzida pelas mãos dos pais, que demandam um alívio para o seu sofrimento e de seus filhos. E diante da demanda destes sofredores, o analista tem o dever de dar uma resposta que não se encontra em manual algum, mas que a ética da direção do tratamento exige que seja inventada, construída dentro de uma formalização teórica que permita uma transmissão que possa se fazer na escrita. Trata-se de uma tarefa difícil, complexa e trabalhosa, produzindo angústia nos analistas, que muitas vezes se vêem paralisados diante destas operações - invenção, formalização, transmissão.*

A autora se debruça sobre as questões do dia-a-dia do analista que responde às vozes de quem sofre e lhe demanda alívio, enfatizando as estruturas clínicas que dão um novo caráter aos diagnósticos e um tratamento diferencial a partir deste enfoque, reconhecendo o estatuto de sujeito na criança.

Com os títulos "Entrevistas Preliminares - O Sintoma da Criança e o Fantasma dos Pais", "A Criança e o Sintoma", "A Importância do Diagnóstico na Direção da Cura", "A Perversão na Criança", "O Outro da Histérica", "A Estrutura e a Criança", a autora marca o seu percurso, dando a razão de seu ato, diante do real de uma clínica que só pode ser ética na medida em que não pretende dar simples respostas, mas formular questões e provocar debate, convidando o leitor a se implicar e dar suas razões.

O debate se inicia com o conceito de criança que passou por várias modificações, alcançando o estatuto de objeto da ciência, especialmente neste século, com o desenvolvimento da pediatria e da psicologia. A maioria das concepções sobre a criança partiam do princípio de que algo deveria ser superado para que a criança pudesse chegar ao pleno desenvolvimento, que ocorreria hierarquicamente em direção à uma maturação completa. De certa maneira, a criança seria uma miniatura do adulto.

Freud, com a psicanálise, vem colocar outro tipo de raciocínio para o desenvolvimento, indicando que esse é mais efeito de rupturas do que de continuidade. O discurso do psicanalista,



diferentemente do discurso médico, não trata o sintoma somente como algo que representa alguma coisa para alguém e que deve ser eliminado, mas como um ponto de verdade do sujeito, enigma que se endereça a um ser. Ele tem uma função clínica, ou seja, o sintoma se endereça a um saber - ao psicanalista - para fazer uma questão sobre: "o que o Outro quer de mim?" ou "quem sou eu?". E o sintoma tem essa função quando já não se sustenta como resposta ao vazio, tornando-se um incômodo e um sofrimento para seu portador. E é neste momento que se procura o analista: quando está sofrendo com o sintoma ou com as formas que encontrou para lidar com a falta.

E conclui que a psicanálise com crianças testemunha a ética que coloca a criança no discurso analítico, como sujeito do inconsciente. E para isso há dois lugares possíveis da criança que são encontrados na clínica:

- Como sintoma, representante da estrutura da família, como verdade dos desejos do par parental.
- Como fantasma, encarnando com seu corpo o objeto causa, funcionando como objeto que tampona o desejo da mãe.

E a posição do analista é franquear um espaço para que a criança possa construir seu fantasma, sua possibilidade de tomar sua posição singular na relação com o mundo, destacando-se do fantasma dos pais.

Mas como tomar tal posição se a criança vai à análise sempre pelas mãos dos outros, dos pais?

Há que se ouvir os pais, nos diz a autora, acolhendo essa demanda que endereçam ao analista através de sua criança, para que o pequeno sujeito possa chegar à análise por conta de seu próprio inconsciente. Mas do lado do analista, ele só pode ser um sujeito suposto saber que tem como função fazer o cliente trabalhar para encontrar o que o causa. Daí a importância das entrevistas preliminares para que se estabeleça com clareza a demanda e a transferência.

A autora insiste, ainda, haver uma diferença marcante entre a psicanálise e outras abordagens pedagógicas que propõem a adaptação do pequeno sujeito, muitas vezes submetido totalmente ao desejo dos pais.

A ética da psicanálise com crianças é saber, ao receber os pacientes, onde conduzi-los, sem impor valores, ou os valores dos pais ou de qualquer pedagogia. Ética que propõe um final de análise no ponto em que alguma coisa se perde - chegar onde a mãe é impossível como objeto de satisfação - mas ao mesmo tempo propicia o encontro com o que o causa, que é exatamente a falta que os sintomas tamponavam. Desta forma, o final da análise é possibilitar o bom convívio com os sintomas, tornando-os criacionistas.

Todas estas questões e muitas outras estão presentes nesta publicação que mostra a unidade da psicanálise, quando coloca no mesmo nível a psicanálise com adultos e com crianças, sem romper com a especificidade de cada campo. Privilegiando construções elaboradas a partir de uma prática, sua leitura abre para cada leitor o horizonte da implicação.

"Energia Emocional"

Acaba de ser lançado pela Makron Books o livro "Energia Emocional - Base para uma Gerência Eficaz", de autoria do psicólogo e consultor organizacional Milton de Oliveira. Em seu texto o autor vem submeter à comunidade empresarial e educacional algumas polêmicas idéias sobre a humanização das organizações. Segundo Oliveira, "a ênfase do texto é centrada nas relações de poder, nas reações emocionais e nas relações afetivas, aspectos básicos do comportamento humano que têm sido esquecidos ou pouco explorados pela teoria organizacional".

Fruto da observação do comportamento gerencial de organizações onde prestou consultoria nos últimos 25 anos, o autor procura mostrar como as repressões da afetividade e das reações emocionais, exercidas pelo poder, desumanizam as organizações e conseqüentemente desperdiçam enormes potenciais energéticos, especialmente a energia emocional humana.

Ao levantar a questão das emoções e das relações amorosas nas organizações, o trabalho vem suprir uma lacuna, pois o tema da afetividade humana nas relações de produção tem sido desconsiderado pela teoria organizacional, que percebe as emoções apenas pelo lado negativo ou como indicador de desequilíbrio. Tal percepção é fruto do modelo antropológico vigente nas organizações, que reduz o ser humano ao seu aspecto racional.

O livro aborda novas posturas gerenciais visando o aproveitamento máximo das capacidades humanas, enfatizado pela qualidade de vida das pessoas que integram a empresa e a abrangente urgência da humanização dos ambientes de trabalho. Levantando, enfim, um modelo de organização do trabalho que contemple o que, até hoje, evita-se abordar na discussão das teorias organizacionais, o autor se atreve a "propor a integração do amor ao ambiente de trabalho, como o grande desafio dos dirigentes empresariais neste final de milênio".

• Energia Emocional - Base para a Gerência Eficaz.

Milton de Oliveira. Makron Books, São Paulo, 1996. 146 págs. R\$20,90.

L I V R O S

"Escarafunchando Fritz"

A Summus Editorial está relançando a obra que se tornou pioneira na história da Gestalt-Terapia - "Escarafunchando Fritz - dentro e fora da lata de lixo", de Frederick "Fritz" Perls, há 20 anos se mantém como referência essencial para todos os interessados nesse método psicoterápico.

Nessa novela autobiográfica, o criador da Gestalt-Terapia transmite suas idéias, vivências e experiências de muitos anos em linguagem leve e divertida. De forma irreverente, o autor revela episódios de sua vida pessoal e profissional, encontros e relações com mestres e colegas. Foi assim que Perls aprendeu, teorizou, estabeleceu sua teoria e a aplicou.

Frederick "Fritz" Perls, de origem alemã, formado em Medicina, teve formação psicanalítica. Em 1926, descobriu a Psicologia da Forma. "Ego, Hunger and Agression", publicado em 1942, é considerado como a transição da Psicanálise ortodoxa para a abordagem gestáltica. Perls publicou em 1951, nos EUA, "Gestalt Therapy". Morreu em 1970, aos 75 anos de idade.

• Escarafunchando Fritz, dentro e fora da lata de lixo.

Frederick "Fritz" Perls. Summus Editorial, São Paulo, 1996. 256 págs. R\$ 26,00.



ARTE • FATO

"Viva o povo brasileiro!"

Após uma temporada de sucessos em Montevideo, no Uruguai, chega a Belo Horizonte a companhia de teatro Ponto de Partida, trazendo a sua nova montagem, "Viva o povo brasileiro!". O espetáculo, inspirado na obra de João Ubaldo Ribeiro, nasceu do desejo do grupo de falar da alma brasileira e tudo o que ela carrega - nossas contradições, nossos motivos de orgulho e vergonha, nossas diferenças alinhavadas no caldeirão cultural do país.

A montagem tem na música o seu fio condutor, cantada pelos atores e tocada pelo violonista Gilvan de Oliveira, que assina a direção musical. Tambores e instrumentos de percussão também estão em cena. Para incorporá-los, o grupo contou com o trabalho do percussionista Sérgio Silva, que ensinou os mistérios dos diversos ritmos brasileiros. Cantos indígenas, africanos, religiosos e folclóricos contam a nossa história ao lado da música de Tom Jobim, Caetano Veloso, Chico Buarque, Milton Nascimento, Gonzaguinha, Edu Lobo, João Bosco e de composições de Gilvan de Oliveira e Fernando Brant.

O texto original, de autoria de Bartolomeu Campos Queirós, é produto da pesquisa do grupo feita diretamente com as pessoas, através da música e baseando-se na obra do antropólogo

Darcy Ribeiro. O elenco dirigido por Regina Bertola, também responsável pelo roteiro e concepção do espetáculo, atua como "brincante" - um misto de arlequim/cantador que transita na fantasia.

O espaço onde se desenrola a história, criado por Alexandre Rousset e Josana Matedi, é um palco decomposto. Estão lá as varas de cenário, os urdimentos, os cabos de aço, as cordas, os refletores, constituindo o território mágico de reinvenção da vida.

Não é a primeira vez que o grupo Ponto de Partida volta sua atenção para textos essenciais da literatura brasileira. Sempre pesquisando elementos da cultura que a fazem original, a companhia nascida em Barbacena, em seus 15 anos de estrada, leva em sua bagagem o espetáculo "Grande Sertão: Veredas", baseado na obra de Guimarães Rosa, entre outras montagens que se inspiraram em autores fundamentais para a construção de uma identidade brasileira.

A peça estará em cartaz no Teatro Dom Silvério, de 10 a 13 e de 17 a 20 de abril, de quinta à sábado às 21 horas e aos domingos às 19 horas. Os psicólogos que apresentarem a sua carteira do CRP-04 terão 10% de desconto. O Teatro Dom Silvério fica na Rua Lavras, 225 - Savassi. Informações pelo telefax (031) 281.5592.

"A Hoteleira"

O século XVIII e seus costumes, muitos dos quais ainda presentes neste final de milênio, é o tema da comédia "A Hoteleira", em cartaz no Teatro Francisco Nunes. Escrita pelo veneziano Carlo Goldoni em 1753, "La Locandiera" é considerada a sua melhor comédia. Nesta peça, Goldoni lança uma concepção inovadora da montagem teatral, estabelecendo características psicológicas para os personagens e aproximando-os do realismo da vida cotidiana, sem perder aquilo que foi a sua maior virtude - a agilidade cômica.

A peça gira em torno de Mirandolina, a proprietária de uma importante estalagem onde se hospedam hilários representantes da nobreza, da burguesia e comediantes de uma companhia de teatro mambembe. Valendo-se de seu poder de sedução, Mirandolina desperta a paixão em quatro homens, absolutamente diferenciados por suas características pessoais - nobreza, dinheiro, misoginia e lealdade. A partir daí, situações imprevistas acontecem.

A montagem, que foi viabilizada pela Lei Municipal de Incentivo à Cultura, é dirigida por Rodrigo Campos, responsável também pela direção de sucessos como "Take-Off: Segredos do Cinema", "Lady Frankenstein" e "Milvezum". O



elenco é composto por Myriam Campos, Cláudio Costa Val, José Antônio do Carmo, Eduardo Dias, Fernanda Werneck, Cristina d'Ávila, Carloman Weliton e Carlos Batista.

A peça está em cartaz no Teatro Francisco Nunes de quinta à sábado às 21 horas e aos domingos às 19 horas. Ingressos a R\$ 14,00 (inteira) e R\$ 7,00 (meia). As quintas-feiras, meia entrada estendida a todos. Os psicólogos que apresentarem a sua carteira do CRP-04 terão 50% de desconto de sexta a domingo. O Teatro Francisco Nunes fica no Parque Municipal. Maiores informações com Cláudio pelo tel. (031)344.1008 ou Myriam pelo tel. (031)977.0454.

O hedonismo brasileiro, mais evidente no verão, é o mote para o psicólogo e chefe do Departamento de Filosofia da UFMG, Carlos Roberto Drawin, abordar a outra face da nossa moeda - as altas doses de narcisismo e cinismo que regem nosso cotidiano. O professor Drawin foi colunista do JP durante alguns anos.

SIMPLICIDADE E MISTÉRIO

Carlos Roberto Drawin

"Non coarctari a maximo, contineri tamen a minimo, divinum est" - Saber abrir-se ao maior e conter-se no menor, isso é divino - A João Batista Libânio. Amigo e Mestre.

Janeiro de 1997. O verão - com a força de sua luz e a transparência de sua sensualidade - colore as praias e as ruas e nos embala e seduz, na expectativa sempre renovada de um "até depois do carnaval". Nós, brasileiros - que acabamos de conquistar, em recente pesquisa de opinião, o ornamento de povo mais otimista do mundo - vamos em frente, seguindo com o olhar distanciado, ingênuo ou irônico, as mazelas de sempre, os mesmos escândalos que, incorporados à rotina, a ninguém escandaliza, pois não mais empolgam nem as manchetes dos jornais. Por isso, não há porque renegar o abraço fácil, o riso que se expande e contagia, na doce confraternização da alegria tropical.

É bem verdade que prossegue o massacre no campo, na eterna e sofrida luta pela terra, e que nas grandes cidades pode-se sentir, em cada esquina, a violência que nos espreita e constringe. A miséria, endêmica e repulsiva, chega a nos irritar com a insistência de sua presença, a desafiar a certeza de nosso destino capitalista e de nosso sempre reiterado futuro de grandeza. Porém, o que fazer, senão aceitar a iniquidade social como a necessária ganga que emerge da riqueza e do desenvolvimento econômico? O que fazer? E este é o bordão que entreouvimos - na arrogância dos poderosos e em nossa impotência - a acompanhar o otimismo oficial, a respaldar a convicção indefectível de que não há qualquer alternativa substancial ao que aí está, pois a política teria cedido terreno à implacável economia da globalização, que nos deixa apenas o recurso tímido à uma boa estratégia de mercado e a um gerenciamento eficiente das oportunidades que surgem e refluem na circulação vertiginosa do capital.

Cumpra, portanto, afastar como um estigma de atraso, de indigência intelectual, de velho ressentimento, qualquer crítica que pretenda questionar ou, ao menos, interrogar o sentido ou não-sentido que rege o pretense "curso das coisas" e que nos leva a desconfiar que, por trás da inexorável lógica, escondem-se valores, opções e interesses sórdidos. Mesmo porque, diante de tal crítica, um argumento pode ser rapidamente sacado, selando a sorte dessa suspeita vã e inapelavelmente extemporânea: "que idéia é essa, senão um mal disfarçado resgate do rançoso conceito de ideologia? Por que ressuscitar tais dogmatismos quando o seu lastro histórico, o socialismo real, já foi definitivamente sepultado?"

Afastemos a discussão incômoda e voltemos ao verão. É preciso desfrutar, com sofreguidão turística, os prazeres da época: o lazer duramente arrancado ao tédio; o aprovisionar das múltiplas sensações, que teimam em escapar; o mergulho na agitação e no entorpecimento. E, por que não? Pois, poder-se-ia retrucar: não haveria nessas palavras, um tanto estigmatizantes, uma morbidez excessiva, um gosto pelo sombrio, um anseio apocalíptico? O que justificaria a recusa da festa? Por que trocar a luz solar por uma lucidez inútil?

O que fazer? Por que não? No ressoar monocórdio destas perguntas reconhecemos não apenas um toque de cinismo, mas também o nosso desconcerto e desamparo diante dos desafios do tempo. Porém, se as respostas andam escassas, se as teorias omni-abrangentes, as metanarrativas, caíram em descrédito, só nos restaria a conformada repetição de tais perguntas como um alibi para a nossa inércia, como refrão retórico de nosso ceticismo fácil?

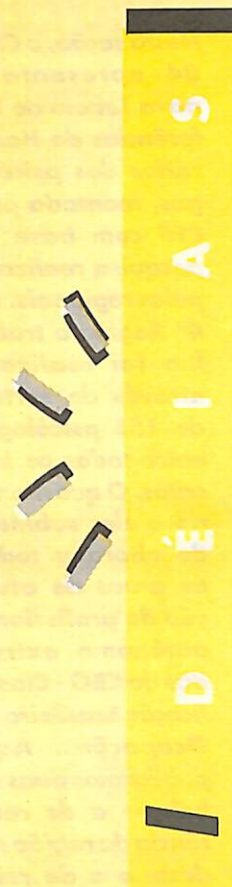
Não deixa de ser sintomático que as perguntas sem respostas, antes tidas por um aguilhão do espírito, tenham se transformado em sedativo do pensamento. É este é o ponto, o sintoma, que seria interessante explorar. Pois não se trata de condenar o "dolce far niente" das praias, a exuberância da natureza e o erotismo dos corpos, em nome de alguma opressiva responsabilidade moral ou de qualquer militância raivosa. No entanto, pode-se bem contestar a atual "primazia do umbigo", ou seja, pode-se tentar sacudir essa indiferença ensimesmada e romper a couraça de um individualismo que tudo absorve e neutraliza na avidez de um "Eu" que, não podendo ser tudo, acaba por reduzir tudo a nada.

O vínculo entre a exacerbação narcisista e o niilismo - em que o egocentrismo absoluto revela todo o seu potencial destrutivo, e o desejo se mostra como pura negatividade - foi claramente formulado por Max Stirner, filósofo alemão que, em meados do século passado, levou ao extremo a rejeição de toda cultura humanística. O prefácio de sua célebre obra - "O Único e sua Propriedade" - concluiu com uma afirmação impressionante por sua concisão e audácia: "Minha causa não é o Divino, nem o Humano, não é o Verdadeiro, o Bom, o Justo, o Livre, mas somente o Meu, e ela não é universal, mas, pelo contrário, é única, como eu sou único. Para mim, nada está acima de mim!". Stirner, entretanto, com o seu escárnio em relação a todo ideal humanitário, jamais se iludiu num egoísmo triunfante e teve a coragem de encerrar o seu livro com a proposição que verdadeiramente o sustenta: "Eu coloquei Minha Causa no Nada".

Poucos, certamente, concordariam com esse discurso quase que delirante em seu desvairado niilismo. O que é fácil de compreender, pois aquilo que, no século XIX, foi uma posição programática tornou-se, frequentemente, em nosso século, uma mentalidade difusa e diluída. O pessimismo, a tragicidade, o estilo desafiante e heróico que encontramos em Stirner desapareceram e deram lugar à ligeireza e à inconsequência e, sobretudo, à expectativa ilusória, mas continuamente realimentada, de disponibilidade do mundo para o meu desejo e o meu gozo. Chocando-se com a substancialidade do mundo, o egocentrismo de Stirner apresentava-se como um gesto de desespero. O mundo, porém, converteu-se num conjunto inesgotável de coisas e mercadorias que se dão à minha apropriação e, aparentemente, a sua substância - volatilizada e virtualizada pela magia da técnica - tornou-se mera oferenda à minha possessividade e satisfação.

No horizonte dessa disponibilidade total e ficícia, toda nossa experiência - as pessoas e os acontecimentos, as idéias e os sentimentos - ressuma banalidade e familiaridade rasteira. Vamos perdendo o sentido tanto dos antigos ideais quanto das vivências próximas e, ao recusarmos o angustiante confronto com o absoluto, também nos incapacitamos para o desprendimento que nos permite garimpar nas pequenas coisas a felicidade de viver. Acossados pela insaciedade e pela procura frenética de sensações, exaustos de ruído, tornamos surdos para a sabedoria ancestral contida na sentença de Heráclito: "Ethos anthrópo daímon" - "o Homem habita, enquanto Homem, na proximidade de Deus". Palavras de um pensador "obscuro" que Heidegger transcreveu sutilmente como, "o familiar é para o Homem abertura para a presentificação do não-familiar".

Há muitas formas de miséria, pois também há miséria na abundância e a cegueira de um fulgor que turva o olhar. Enovelados em nosso descompasso afetivo, consumidos pelo consumo de novidades que sempre excitam, mas jamais apascentam a nossa inquietude, lançamo-nos numa voracidade vazia e expectante. No desmedido da percepção e na carência da memória buscamos no milagre, na lógica do excesso, algo que só poderia encontrar-se na serenidade do simples e no acolhimento do mistério.



HONORÁRIOS

VALORES DE REFERÊNCIA DE HONORÁRIOS DOS PSICÓLOGOS

Região Sudeste (Valores em R\$)

	LIMITE INFERIOR	MÉDIA	LIMITE SUPERIOR
DIAGNÓSTICO PSICOLÓGICO			
Consulta psicológica	38,47	59,57	65,96
Anamnese	33,53	55,92	65,96
Elaboração de perfil profissiográfico	32,98	58,54	82,44
Avaliação de desempenho escolar e aprendizagem	32,98	50,73	60,46
Avaliação psicológica	40,67	57,96	73,65
Avaliação das características psicológicas dos esportistas*	0,00	83,54	0,00
Avaliação de prontidão pra alfabetização**	38,47	58,55	71,45
Avaliação do nível intelectual	32,98	58,24	65,96
Avaliação psicometria	32,98	54,72	65,96
Avaliação psicometria relacionada ao grafismo	32,98	52,83	65,96
Avaliação das características da personalidade	32,98	59,40	71,45
Avaliação da estrutura e dinâmica da personalidade	38,47	62,37	72,55
Entrevista devolutiva	37,92	57,34	65,96
Observação de campo, com visita escolar e/ou domiciliar	38,47	61,05	65,96
Atuação junto à comunidade	21,99	47,36	76,95
Realização de exames psicológicos (Psicotécnicos)	29,68	45,60	61,56
ORIENTAÇÃO E SELEÇÃO PROFISSIONAL			
Orientação vocacional	38,47	54,96	76,95
Recrutamento e seleção de pessoal	27,48	61,28	76,95
Elaboração de instrumentos psicológicos	27,48	65,25	98,93
Desenvolvimento de projetos relativos ao trabalho	23,08	87,18	107,18
Identificação de necessidades humanas	23,08	32,98	78,05
Participação em programas educacionais, culturais, recreativos	21,99	59,24	82,44
Orientação e acompanhamento	35,73	59,55	68,70
Orientação e encaminhamento de empregados	28,58	61,72	93,44
Avaliação de programas de treinamento	32,98	80,08	98,93
Orientação e Treinamento/ Desenvolvimento	30,23	80,78	98,93
Desligamento de empregados	21,99	57,16	76,95
Preparação para a aposentadoria	43,97	70,62	98,93
ORIENTAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA			
Realização de pesquisas	28,58	63,68	65,96
Planejamento psicopedagógico	27,48	61,01	76,95
Orientação psicopedagógica	32,98	53,42	65,96
SOLUÇÃO DE PROBLEMAS PSICOLÓGICOS			
Psicomotricidade individual	32,98	48,57	62,11
Psicomotricidade em grupo	27,48	42,49	54,96
Problemas de aprendizagem individual	32,98	48,17	65,96
Problemas de aprendizagem em grupo	32,43	44,53	54,96
Psicoterapia individual	38,47	58,46	71,45
Psicoterapia em casal	43,97	71,03	87,94
Psicoterapia familiar	43,97	72,12	87,94
Psicoterapia em grupo	32,98	52,12	65,96
Ludoterapia individual	32,98	51,82	65,96
Ludoterapia em grupo	28,58	47,49	65,96
Terapia psicometria individual	32,98	47,10	96,19
Terapia psicometria em grupo	27,48	41,66	52,76
ACOMPANHAMENTO E ORIENTAÇÃO PSICOLÓGICA			
Acompanhamento psicológico da gravidez, parto e puerpério	40,67	61,49	76,95
Acompanhamento psicológico da gravidez, em grupo	32,98	62,13	65,96
Acompanhamento psicoterapêutico	49,47	81,10	98,93
Acompanhamento psicológico de crianças, adolescentes ou adultos deficientes	32,98	48,02	65,96
Acompanhamento psicológico de idosos	32,98	53,78	65,96
Acompanhamento e reabilitação profissional	21,99	55,63	76,95
ASSESSORIA EM PSICOLOGIA			
Consultoria empresarial	65,96	87,94	150,60
Realização de pesquisa	32,98	65,96	87,94
Movimentação pessoal	10,99	43,97	79,70
Supervisão de atividades psicológicas	46,72	63,21	87,94
Assessoria a instituições escolares	32,98	54,96	87,94

Tabela Nacional (Valores em R\$)

	LIMITE INFERIOR	MÉDIA	LIMITE SUPERIOR
DIAGNÓSTICO PSICOLÓGICO			
Consulta psicológica	38,47	57,50	65,96
Anamnese	38,47	55,70	65,96
Elaboração de perfil profissiográfico	32,98	56,80	76,95
Avaliação de desempenho escolar e aprendizagem	32,98	56,69	65,96
Avaliação psicológica	43,97	54,96	72,00
Avaliação das características psicológicas dos esportistas*	38,47	57,90	71,45
Avaliação de prontidão pra alfabetização**	38,47	57,47	71,45
Avaliação do nível intelectual	32,98	58,43	65,96
Avaliação psicometria	32,98	57,34	65,96
Avaliação psicometria relacionada ao grafismo	32,98	56,77	65,96
Avaliação das características da personalidade	32,98	62,02	68,15
Avaliação da estrutura e dinâmica da personalidade	38,47	64,36	72,55
Entrevista devolutiva	38,47	55,41	65,96
Observação de campo, com visita escolar e/ou domiciliar	40,67	54,96	65,96
Atuação junto à comunidade	19,24	45,89	65,96
Realização de exames psicológicos (Psicotécnicos)	24,18	45,11	65,96
ORIENTAÇÃO E SELEÇÃO PROFISSIONAL			
Orientação vocacional	38,47	54,96	76,95
Recrutamento e seleção de pessoal	29,68	54,96	76,95
Elaboração de instrumentos psicológicos	27,48	64,89	87,94
Desenvolvimento de projetos relativos ao trabalho	23,08	77,83	96,19
Identificação de necessidades humanas	21,99	67,01	78,05
Participação em programas educacionais, culturais, recreativos	21,99	63,38	87,94
Orientação e acompanhamento	30,23	54,47	72,00
Orientação e encaminhamento de empregados	21,99	52,71	67,05
Avaliação de programas de treinamento	32,98	76,39	91,24
Orientação e Treinamento/ Desenvolvimento	27,48	78,70	87,94
Desligamento de empregados	27,48	52,04	71,45
Preparação para a aposentadoria	43,97	65,96	98,93
ORIENTAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA			
Realização de pesquisas	32,98	49,47	65,96
Planejamento psicopedagógico	21,99	59,94	65,96
Orientação psicopedagógica	32,98	50,17	60,46
SOLUÇÃO DE PROBLEMAS PSICOLÓGICOS			
Psicomotricidade individual	32,98	47,54	54,96
Psicomotricidade em grupo	27,48	41,15	54,96
Problemas de aprendizagem individual	32,98	46,94	54,96
Problemas de aprendizagem em grupo	32,43	43,67	54,96
Psicoterapia individual	38,47	55,69	65,96
Psicoterapia em casal	43,97	69,00	87,94
Psicoterapia familiar	43,97	70,24	87,94
Psicoterapia em grupo	31,88	51,13	65,96
Ludoterapia individual	32,98	49,92	65,96
Ludoterapia em grupo	30,23	47,39	60,46
Terapia psicometria individual	32,98	46,92	55,51
Terapia psicometria em grupo	27,48	41,30	54,96
ACOMPANHAMENTO E ORIENTAÇÃO PSICOLÓGICA			
Acompanhamento psicológico da gravidez, parto e puerpério	43,97	59,85	71,45
Acompanhamento psicológico da gravidez, em grupo	32,98	57,24	63,21
Acompanhamento psicoterapêutico	49,47	79,03	93,44
Acompanhamento psicológico de crianças, adolescentes ou adultos deficientes	32,98	47,48	54,96
Acompanhamento psicológico de idosos	38,47	54,42	65,96
Acompanhamento e reabilitação profissional	21,99	54,96	76,95
ASSESSORIA EM PSICOLOGIA			
Consultoria empresarial	52,21	107,71	120,92
Realização de pesquisa	32,98	54,96	87,94
Movimentação pessoal	46,72	86,36	109,93
Supervisão de atividades psicológicas	46,17	72,14	87,94
Assessoria a instituições escolares	32,98	63,23	80,80

Obs.: Valores corrigidos pelo IPC/FIEP (0,9926174) referente a inflação acumulada de SET a NOV / 96. (*) Dados sem a participação do CRP-06 - (**) Dados válidos somente para CRP-06

Fonte: CPF / CRP's / FENAPSI e SINDICATOS / 1996

Nota: Nas atividades em que não há limite inferior e superior e também nas que os valores cobrados superam os da tabela nacional se dá em virtude da baixa frequência nestas atividades.

Nesta seção, o CRP-04 apresenta a nova Tabela de Referências de Honorários dos psicólogos, montada pelo CFP com base na pesquisa realizada pelos regionais. Na 4ª Região o trabalho foi realizado através de sorteio de 158 psicólogos entre todos os inscritos. O questionário a eles submetido abordou todas as áreas de atuação do profissional autônomo extraídas da CBO - Classificação Brasileira de Ocupações. Aqui publicamos duas tabelas - a de referência da região sudeste e a de referência nacional, para conhecimento.

Juiz de Fora

Com o objetivo de revitalizar a discussão de questões referentes à Psicologia e os instrumentos de trabalho essenciais dos psicólogos, o Centro de Ensino Superior estará oferecendo o curso de Especialização em Psicologia (lato sensu), com aulas às sextas e sábados, quinzenalmente. Maiores informações com o CES/JF, à Rua Halseld, 1179, ou pelo telefone (032)215.5255, de 19 às 21 horas.

Uberaba

A Universidade de Uberaba desencadeou, no ano de 1996, uma abordagem estratégica para avaliação e reformulação dos diversos cursos que a compõem.

Em um simpósio com profissionais dos diferentes segmentos da área de saúde mental da região, discutiu-se as reais necessidades da sociedade e tendências futuras, as forças e fraquezas da atual formação e os princípios que devem nortear a formação dentro de uma visão prospectiva. Esse trabalho resultou na elaboração do perfil final do psicólogo recém-formado.

Baseando-se nos estudos realizados pelos Conselhos de Psicologia e na leitura crítica de currículos de outras agências formadoras, os profissionais firmaram o propósito de oferecer um curso de Psicologia que se destaque pela sua formação teórico-prática. Um curso comprometido com o preparo de um profissional de saúde que, através de uma formação pluralista, humana, científica, social e política, seja capaz de realizar intervenções preventivas e curativas nas diferentes situações e fenômenos do comportamento humano, promovendo eticamente o bem estar individual e coletivo.

As disciplinas, estágios e suas ementas foram definidos e distribuídos de forma que desenvolvam atitude de construção do conhecimento, enfatizando uma postura crítica, investigadora e criativa e incentivando a pesquisa e a prática num contexto de ação-reflexão-ação.

O curso de Psicologia da Universidade de Uberaba reconhece que a reformulação curricular por si só não é suficiente para garantir a formação adequada. Prepara-se assim, para proporcionar um programa de aprimoramento didático-pedagógico, buscando e valorizando a educação docente continuada.

BALANÇO

VARIAÇÕES PATRIMONIAIS JANEIRO A DEZEMBRO DE 1996

RECEITA ORÇAMENTÁRIA	
Receitas Correntes	
Receita de Contribuições ...	887.963,62
Receita Patrimonial	100.466,77
Receitas de Serviços	7.944,50
Outras Receitas Correntes ...	63.594,58
Mutações Patrimoniais	
Aquisição de Bens Móveis	10.100,00
Total das variações ativas	1.070.069,47
DESPESA ORÇAMENTÁRIA	
Despesas Correntes	
Despesas de Custeio	557.748,70
Transferências Correntes	247.394,54
Despesas de Capital	
Investimentos	10.100,00
Total das variações passivas	815.243,24
Resultado Patrimonial	
Superávit do Exercício	254.826,23
Total	1.070.069,47

INTERURBANO

Conselho de Administração quer legislar na área da Psicologia

Na era da interdisciplinariedade, quando cada vez mais se reconhece a necessidade de profissionais hábeis em mais de uma área e se critica a superespecialização e suas linguagens codificadas, há os que ainda só pensam em cercar espaços e estipular garantias, mesmo que arbitrárias, para a sua profissão. Provavelmente sentindo-se ameaçados pelas enormes mudanças em curso no mundo do trabalho, alguns profissionais ou entidades acabam entrenchando-se em posições anacrônicas e corporativistas.

O Conselho Regional de Administração de Minas Gerais é uma entidade que vem atuando nesse sentido. Na contramão do mundo contemporâneo, o CRA/MG tem promovido uma ação no mínimo autoritária em relação às empresas de Recursos Humanos inscritas no CRP-04. Alegando que as atividades listadas no artigo 2º da Lei nº 4.769 de 1965 (ao lado), que dispõe sobre o exercício profissional do administrador, só podem ser desempenhadas por técnicos da área, a entidade tem pressionado diversas empresas a se inscreverem no CRA.

No entanto, as atividades apontadas como privativas entre elas a administração e seleção de pessoal e a organização e métodos de trabalho – não têm essa característica garantida pela lei. É o que afirmam os diversos pareceres sobre a antiga disputa, que voltou à tona quando empresas visitadas pelo CRA recorreram ao CRP para consultas sobre a legitimidade da ação do Conselho de Administração.

De acordo com o psicólogo Júlio Flávio de Figueiredo Fernandes, da Coordenação Técnica do CRP-04, a atitude configura uma ingerência do CRA na área do CRP – “o CRP entende que cabe ao CRA a inscrição de empresas que fazem seleção sem utilizar as técnicas privativas da Psicologia. Já que todas as empresas aqui inscritas, sem exceção, prestam serviços utilizando esses métodos, elas não têm que se inscrever no CRA”. Tais atividades estão especificadas na Lei 4.119 de 1962, de regulamentação da profissão de psicólogo (ao lado).

Júlio Flávio ainda destaca que hoje é difícil encontrar no mercado empresas que fazem seleção sem utilizar as técnicas privativas da Psicologia, de eficácia reconhecida na área de RH. “Se pesquisarmos, acredito que não vamos encontrar nenhuma. É muito raro encontrar empresas que não necessitem de métodos de seleção mais apurados”, conclui. O psicólogo ainda chama a atenção para o fato de que, caso a seleção de pessoal seja feita por um administrador com base em métodos da Psicologia, estaria configurado o exercício ilegal da profissão. É exatamente esse aspecto da ilegalidade que a lei que regulamenta a profissão de técnico em administração, por uma questão lógica, não está autorizando.

Antecedentes

A tentativa, por parte do Conselho de Administração, de limitar a atuação dos diversos profissionais que transitam na área de Recursos Humanos não é um fato novo. Data de 31 de dezembro de 1985 um ofício encaminhado pelo CFA ao CFP e ao Ministério da Administração, no qual já constava o mesmo discurso corporativista atual. Na ocasião, o CFP enviou ao mesmo Ministério um ofício comunicando que “o Conselho Federal de Administração está extrapolando os termos da Lei nº 4.769/65, art. 2º, a qual não estabelece que as atividades lá relacionadas sejam privativas do técnico de administração”.

No mesmo ofício, o CFP cita o Decreto nº 53.464, de 21.01.64 – que regulamenta a Lei 4.119, do exercício da Psicologia – no qual estão consagradas como funções não privativas do psicólogo a direção de serviços de Psicologia e as atividades de assessoria técnica de órgãos públicos e privados.

O ofício ainda faz referência a um projeto de lei que tramitou no Congresso Nacional de 80 a 83 e tentava fixar a privacidade das atividades hoje reivindicadas pelos administradores. De acordo com o documento do CFP, o projeto “reavivaria concepções corporativistas e ignoraria a

história, a tradição e a prática de um grupo expressivo de profissionais”, já que estabelecia, de forma arbitrária, “atribuições que nunca foram e nem podem ser privativas dos técnicos em administração, tendo em vista que áreas de atuação interdisciplinar não podem, obviamente, ser consideradas exclusivas ou privativas deste ou daquele profissional”.

A extensa documentação a respeito do caso, que reúne uma série de pareceres contrários às pretensões do CFA, conta também com o parecer nº 882 de 1983, emitido pelo Departamento Administrativo do Serviço Público. O documento conclui, após análise da Lei que rege a profissão, que “o exercício de funções de confiança que compreendam atividades da área de administração não é privativo dos servidores inscritos em Conselhos de Técnicos de Administração”.

O caso atinge unanimidade com o parecer nº 238 de 1986, expedido pelo Ministério do Trabalho como resposta ao ofício do CFP. Além de confirmar o que já havia sido dito no parecer anterior, o documento afirma que “o empregado investido no cargo de confiança do setor de múltiplas atividades – como é o caso dos que estão arrolados no petítório do Conselho de Administração – não está sujeito à fiscalização, tampouco a registro profissional, vez que nessas circunstâncias não está caracterizado o exercício específico de uma profissão definida. Há, sim, a exigência do concurso de conhecimentos e habilidades interdisciplinares, sem os quais o exercício da chefia e do assessoramento, sejam estes em nível intermediário ou superior, não se desenvolverão a contento”.

Em Belo Horizonte

Mesmo com toda a legislação contrária às suas intenções, o Conselho de Administração não desiste. Enquanto seu representante em Alagoas acaba de impetrar recurso contra uma psicóloga alegando os mesmos motivos – o que resultou em um parecer da assessoria jurídica do CFP, no qual é confirmada a ilegitimidade da ação (veja ao lado) – em Minas Gerais várias empresas de RH sofrem perseguição do CRA/MG.

A FV Recursos Humanos Ltda, que desenvolve atividades ligadas à melhoria das relações humanas dentro das instituições, já enfrentou o problema. De acordo com o psicólogo Vicente Lúcio Dias Mairinque, um dos sócios, a FV recebeu uma carta do CRA em que o Conselho exigia o envio de seu ato constitutivo “para ser analisado”. Após “análise”, eles disseram que a FV tinha 15 dias para se inscrever no CRA.

Para tanto, o CRA argumentou que algumas atividades constantes do seu ato constitutivo não tinham seu campo profissional especificado, mas “constituem-se em prestação de serviços em áreas de administração e seleção de pessoal, conforme prevê a Lei 4.769/65”. Ficam claros, então, os objetivos do CRA – entrar em uma área híbrida, multidisciplinar e emergente, onde podem atuar profissionais de diversas formações, e proclamar que se trata de um campo privativo dos administradores. “Eles acham que são donos de tudo”, critica Vicente. A FV só conseguiu se livrar da perseguição burocrática do CRA ao mudar os termos do seu ato constitutivo, o que acabou por causar problemas com a Prefeitura, que considerava o anterior mais detalhado.

Já a Belgo Mineira Sistemas (BMS), empresa do Grupo Belgo que presta serviços na área de informática e RH, resolveu enfrentar as ameaças de multa, caso não se inscrevessem no CRA, e o resultado foi que nada aconteceu. De acordo com a psicóloga Judith de Oliveira Neves, que compõe o quadro de psicólogos da empresa, “falamos ‘façam o que quiserem’, e eles sumiram, talvez porque não tinham nenhum respaldo legal para agir”.

Quanto às relações de trabalho entre administradores e psicólogos, Judith afirma que não há influência das atitudes corporativas do CRA. “Você não vê um profissional da administração esbanjando saber sobre a sua área. Os profissionais se respeitam, se complementam, passam o conhecimento que cada um tem, e que é mais próprio da sua área, para os colegas”, destaca.

O que diz a legislação

A Lei dos Administradores

A Lei nº 4.769 de 1965, que dispõe sobre o exercício profissional do administrador, em seu artigo 2º, alíneas a e b, define como atividades não privativas do administrador:

“Art. 2º - A atividade profissional de técnico de administração será exercida, como profissão liberal ou não VETADO, mediante:

a) pareceres, relatórios, planos, projetos, arbitragens, laudos, assessoria em geral, chefia intermediária, direção superior;

b) pesquisas, estudos, análise, interpretação, planejamento, implantação, coordenação e controle dos trabalhos nos campos da administração VETADO, como administração e seleção de pessoal, organização e métodos, orçamentos, administração de material, administração financeira, relações públicas, administração mercadológica, administração de produção, relações industriais, bem como outros campos em que esses se desdobrem ou aos quais sejam conexos”.

A Lei dos Psicólogos

A Lei nº 4.119, que regulamenta a profissão de psicólogo, em seu capítulo III, estabelece que:

“Parágrafo 1º - Constitui função privativa do psicólogo, a utilização de métodos e técnicas psicológicas com os seguintes objetivos:

- a) diagnóstico psicológico;
- b) orientação e seleção profissional;
- c) orientação psicopedagógica;
- d) solução de problemas de ajustamento.”

O Decreto nº 53.464, de 1964, que regulamenta a Lei 4.119, de 1962, consagra como sendo funções não privativas do psicólogo:

Artigo 4º, alínea 2: “dirigir serviços de Psicologia em órgãos e estabelecimentos públicos, autárquicos, paraestatais, de economia mista e particulares”.

Artigo 4º, alínea 5: “Assessorar, tecnicamente, órgãos e estabelecimentos públicos, autárquicos, paraestatais, de economia mista e particulares”.

O caso de Alagoas

Em Alagoas, o Conselho de Administração impetrou recurso contra a psicóloga Silvana Calheiros Pitão, acusando-a de “exercício ilegal de gerência de Recursos Humanos”. Abaixo publicamos o parecer da assessoria jurídica do CFP sobre o caso.

1. Consulta-nos o CFP acerca do fato do Conselho Regional de Administração estar movendo processo administrativo contra profissional da Psicologia.

2. Nesse processo, o Conselho de Administração afirma que a psicóloga “ocupa o cargo de Gerente de Recursos Humanos e Serviços”, sendo que, no entendimento desse Conselho, as atividades do cargo pertencem “aos campos da Administração e Seleção de Pessoal”, “...o que caracteriza o exercício ilegal da profissão”.

3. Inicialmente, cabe verificar que o profissional de Psicologia não se encontra na esfera de competência do Conselho de Administração, portanto, descabe o processo administrativo proposto, haja vista que nenhuma sanção pode aquela autarquia aplicar a um psicólogo, ou qualquer outro profissional que não esteja inscrito nesse órgão.

4. Conforme fica claro através do disposto no art. 47 das Leis de Contravenções Penais, o exercício ilegal de profissão é contravenção penal, cuja notícia deve ser comunicada ao Ministério Público, que promoverá ou não a ação cabível.

5. Por outro lado, não há como se pretender apresentar como atividade privativa do administrador a gerência de recursos humanos.

6. Isso porque “é uma área interdisciplinar: envolve necessariamente conceitos de Psicologia Industrial e Organizacional, de Sociologia Organizacional, Engenharia Industrial, de Direito do Trabalho, de Engenharia de Segurança, de Medicina do Trabalho, de Engenharia de Sistemas, de Cibernética etc. Os assuntos normalmente tratados em ARH referem-se a uma multiplicidade enorme de campos de conhecimentos: fala-se em aplicação e interpretação de testes psicológicos e entrevistas...” (Idalberto Chiavenato - Recursos Humanos - 3ª edição - Editora Atlas, pg. 121).

8. Acresça-se a tudo que a função de gerente é função de confiança – como se depreende da leitura do art. 62 da CLT – sendo direito do empregador designar para essa posição qualquer profissional com formação nas várias áreas que a matéria se interliga, de acordo com as prioridades e necessidades de sua atividade.

9. Se tal não bastasse, ampara também o psicólogo, que atua nesse campo, o disposto na letra “b”, parágrafo 1º, art. 13 da Lei nº 4.119, de 27.8.62, ao fixar que constitui função não privativa do psicólogo a orientação e seleção profissional, matéria essa afeta à área de recursos humanos.

10. Concluindo, temos:
I) O Conselho de Administração não tem competência para mover processo administrativo contra profissional da Psicologia; II) A função de gerente de recursos humanos não é privativa dos técnicos em administração, mas sim da conveniência e necessidade do empregador.

Brasília, 6 de novembro de 1996
Millon Coelho/OAB-DF 3809

Neste número, o JP traz um pouco da trajetória de Romualdo Dâmaso, sociólogo que ultrapassou as barreiras da especialização e teve importância marcante no campo da Psicologia Social e das políticas de saúde. Extremamente ativo em todos os setores em que atuou, da política à vida acadêmica e mesmo em outros espaços, não tão legitimados, como o das discussões em torno da contracultura, Dâmaso, falecido recentemente, tem aqui os seus caminhos resgatados pela psicóloga social Marília Novais da Mata Machado. O texto publicado é um resumo do que Marília apresentou como homenagem no Encontro Mineiro de Psicologia Social da Abrapso, em 1996.

Marília Novais da Mata Machado

Romualdo Dâmaso nasceu em 7 de fevereiro de 1947, em Andrequicé, distrito de Presidente Olegário, Minas Gerais. Estudou em Juiz de Fora, na Escola Apostólica São Domingos, instituição que foi importante na sua formação intelectual e política.

Em 1967 entrou para o curso de Ciências Sociais da UFMG, tornou-se militante político e dirigente estudantil, foi membro de um grupo de análises políticas formado por colegas das Ciências Sociais.

No final dos anos 60, Romualdo Dâmaso entrou para o setor de Psicologia Social. Esse grupo, de forte caráter interdisciplinar, vinha desenvolvendo, sob a orientação do professor Célio Garcia, do Departamento de Psicologia da UFMG, uma série de trabalhos pioneiros em Belo Horizonte: através de contatos efetivos do aluno com o mercado de trabalho e com professores, promovia o treinamento profissional e a formação para o magistério.

Graduando-se em Ciências Sociais em 1970 e já participando ativamente da vida do setor como estagiário, Dâmaso prestou concurso e foi aprovado para a vaga de auxiliar de ensino junto à disciplina de Psicologia Social do Departamento de Psicologia em 1971. Desde sempre escreveu, sobretudo sob a forma de capítulos de livros, apostilas e artigos em revistas, boletins e periódicos.

Em uma das suas primeiras publicações - "Mito e Antimito em Capinópolis" - ficam bem claras as suas opções por uma articulação teórica freudo-marxista, por uma crítica do discurso científico da normalidade, por uma Sociologia do Presente (ou Sociologia da Crise), pela pesquisa do acontecimento (ou seja, daquilo que "não se inscreve na regularidade estatística"), pela utilização de analisadores na investigação social.

Em 1972, Romualdo Dâmaso tornou-se professor também do curso de Comunicação da PUC/MG, espaço onde veio a exercer plenamente suas capacidades de criar, inovar e liderar. Lecionava, nesse momento, em duas instituições, realizava intervenções psicossociológicas e pesquisas. Levava uma vida extremamente agitada. Aderiu intensamente à contracultura, ao movimento anti-psiquiátrico e à provocação institucional.

Treinado em Análise Institucional por Georges Lapassade, que realizou, em 1972, missão cultural em Belo Horizonte, Dâmaso utilizou amplamente esse dispositivo. Participou e/ou conduziu diversas socioanálises: no curso de Comunicação da PUC/MG, na Fundação Universitária de MG, no Departamento de Ciência Política da UFMG, no Instituto de Educação Juvenil da PUC/MG, no DA da Fafich/UFMG, no campus avançado de Barreira, Bahia. Acompanhando Lapassade,

ROMUALDO DÂMASO

Um Sociólogo na Psicologia Social

realizou socioanálises também no Rio de Janeiro. De certa forma, Dâmaso adotou de forma permanente esse dispositivo que reaparece, claramente, em diversos outros artigos que escreveu, assim como na sua prática de intervenção. Assim, foi um dos líderes do movimento autogestionário que implantou a reforma universitária no curso de Psicologia da UFMG, em 1974, e um dos criadores das disciplinas: "Intervenção Psicossociológica", "Psicologia Comunitária e Ecologia Humana" e "Psicolinguística". Nos anos seguintes, lecionou todas elas.

Em 1976, ingressou no Instituto Princípio Único de São Paulo, de orientação macrobiótica. Adotou uma visão global do homem e aprendeu a filosofia e a medicina orientais. Tornou-se um dos dirigentes e divulgadores do movimento macrobiótico de Minas Gerais.

No final dos anos 70, em co-autoria com Hugo Mari e Leila Guimarães, escreveu "Sobre a Produção do Sentido" (1979), artigo que é uma contribuição à Psicolinguística. Porém, nessa época Dâmaso publicou sobretudo no Boletim Informativo da Sociedade Mineira de Psicologia. Em 1978, escreveu "Contribuições ao debate sobre a formação do psicólogo", quando participava ativamente da discussão nacional sobre a questão da formação, currículo, estágios, residência e internato rural. Em "Duas reflexões independentes sobre a obra de Reich", de 1979, mostrou a convergência entre a bioenergética reichiana e a medicina oriental; pela primeira vez citou autores da macrobiótica e iniciou a reflexão crítica das políticas "ditas de saúde pública". Também nesse boletim publicou um artigo magistral: "Anti-psiquiatria e instituição" (1981), uma análise institucional da anti-psiquiatria, chegando à proposta de criação de "táticas sócio-políticas de resgate dos doentes mentais".

Após breve interrupção, ele retornou às suas atividades no magistério, em 1983, ao prestar concurso no Departamento de Sociologia da PUC/MG, trabalhando, então, com a problemática da saúde. Em 1988 e 1989 publicou, em Psicologia e Sociedade, revista da Associação Brasileira de Psicologia Social (Abrapso): "Movimento Autonomista", manifesto que, denunciando uma crise de autonomia no Brasil, conclama a cidadania efetiva da população contra a impunidade e propõe a auto-organização autônoma da sociedade civil; "Do sangue à letra", uma reflexão sobre a Psicanálise no âmbito de um projeto pedagógico em cursos de Psicologia, onde argumenta que a Psicanálise pode ser transmitida, mas não ensinada; pode desconfirmar radicalmente o método científico de causalidade linear, o modelo das ciências positivas; pode colocar o sujeito do conhecimento em suspeição, frente ao não saber ou ao desejo.

Em 1990, no Rio de Janeiro, vinculou-se à Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), como pesquisador, e à Escola Nacional de Saúde Pública, como professor. A questão da reforma sanitária tornou-se o foco de suas reflexões. Lecionava, ainda, na Escola de Saúde de Minas Gerais, em Belo Horizonte.

Dâmaso manteve sempre seu vínculo com o Centro Macrobiótico. Em "vivAlavanca", publicação mensal do Instituto Princípio Único, escreveu: "Medicina Social:

somos todos galinhas... de granjal" (1991). Comentou, nesse texto, sua participação no V Congresso Latino-Americano de Medicina Social, realizado em Caracas, em março de 91. Relatou que encontrou apoio isolado de alguns congressistas à sua exposição sobre "política social de saúde", na qual sugeriu a redução dos controles externos disciplinadores, medicamentosos e tecnológicos do processo saúde-enfermidade, em favor do auto-controle interno.

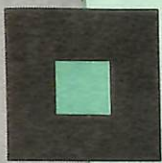
Em 1992, publicou capítulo de livro no qual retomou a questão das políticas sociais: "Saúde e autonomia: para uma política da vida", texto no qual contestou o pressuposto de que só o Estado, através de políticas especiais, é capaz de prover a proteção à saúde. Chamou a atenção para a grande dificuldade das políticas sociais de saúde: a de exercerem controles externos (decisórios, institucionais, administrativos, técnicos e clínicos) sobre as doenças, às custas da perda de autonomia e autocontrole dos indivíduos, das comunidades e das populações.

Data de 1992, também, o início da redação dos textos que viriam a compor sua tese de doutorado sobre ética e saúde, objeto de suas reflexões nos últimos anos. Em 1993-94, passou a lecionar também na Escola de Enfermagem da UERJ. Escreveu, com a equipe aí formada: "A instituição da avaliação no ensino de enfermagem" (1994); "Redes e Tramas de uma paisagem em movimento: enfermagem como cenário" (s/data). Finalmente, como único autor, publicou ainda: "Cursos e discursos com a Enfermagem - Contribuição Socianalítica" (1995).

Em 1994, como fazia regularmente, Romualdo Dâmaso participou do seminário da Escola Musso, em São Paulo. Prestou seu depoimento ao grupo da macrobiótica, que o divulgou: "o aspecto principal individual/solidário é o meu processo no IPU (Instituto Princípio Único). O aspecto complementar é o meu engajamento no Sistema Nacional de Saúde. (...) este seminário é um prosseguimento do processo de dezessete anos consecutivos dedicados ao desenvolvimento e recondicionamento do pensamento, do sentimento e da vontade, nos quais fomos condicionados pelos hábitos culturais, científicos e religiosos que herdamos do passado (...)" (vivAlavanca, 1994).

Em 1994 o câncer que viria a consumi-lo começou a se manifestar. Ele escreveu, ainda, capítulos de sua tese que, mesmo inacabada, transmite o seu pensamento original e merece divulgação. Romualdo Dâmaso faleceu em 20 de novembro de 1995.

Nota - Os interessados em conhecer o texto completo de Marília Novais da Mata Machado, (18 páginas, com todas as referências bibliográficas de textos citados), podem recorrer à Assessoria de Imprensa do CRP-04.



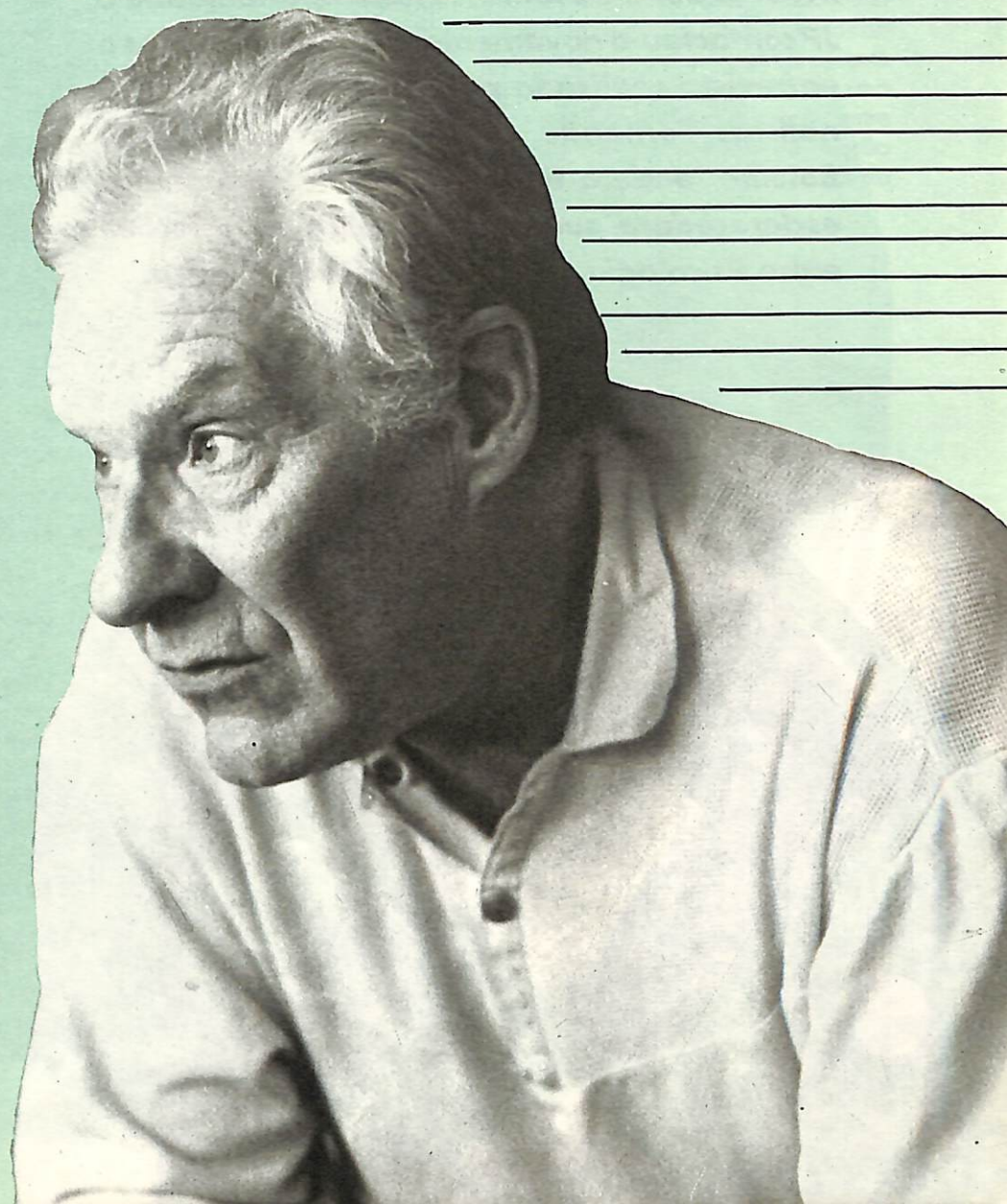
CONSELHO
REGIONAL DE
PSICOLOGIA
CRP - 04

G E S T Ã O
TransFORMAÇÃO

SUPLEMENTO ESPECIAL
jornal do psicólogo

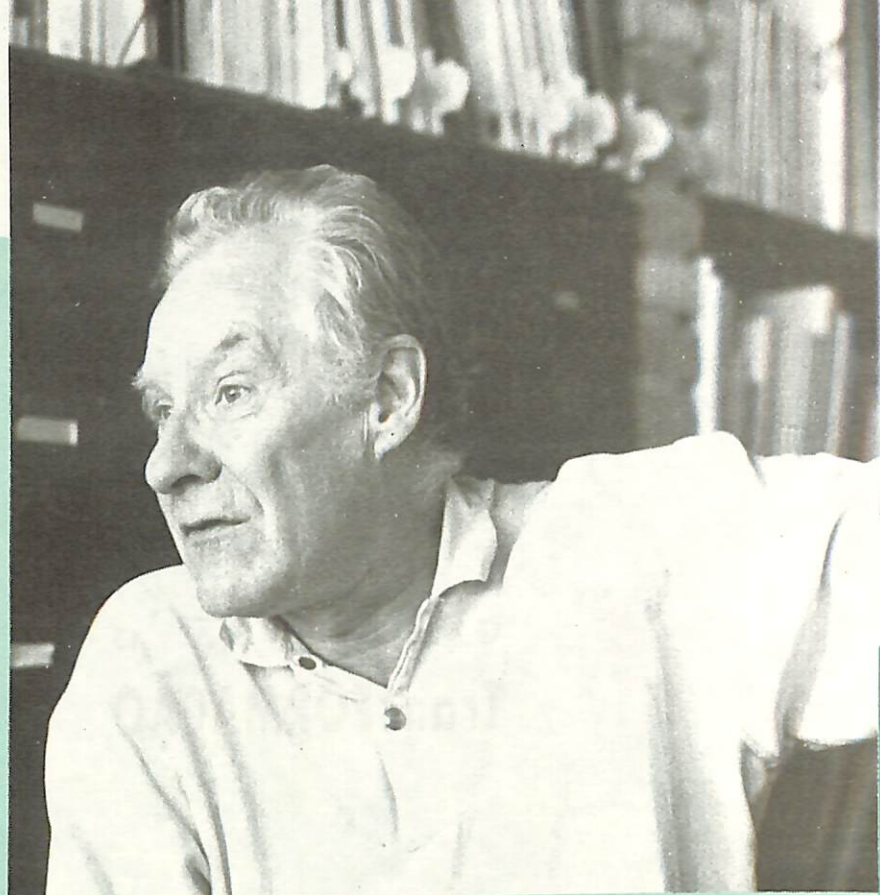
BELO HORIZONTE, ANO 14 • Nº 56
JANEIRO / FEVEREIRO 1997

ALAIN BADIOU



Por uma ética do acontecimento

Durante o mês de outubro de 1996, Belo Horizonte recebeu a visita do filósofo francês Alain Badiou, um intelectual e militante político cuja obra é referência importante na atualidade para diversas áreas do saber. Ele já havia estado na cidade há três anos atrás, em uma viagem para conhecer os principais centros universitários do sudeste do Brasil, e na ocasião foi entrevistado pelo JP. As conferências que fez na época foram reunidas no livro "Para uma nova teoria do sujeito". Desta vez o professor Badiou, que também é romancista e integra o Departamento de Filosofia da Universidade Paris VIII e do Collège Internationale de Philosophie, participou de diversos eventos. Várias pessoas tiveram a oportunidade de ouvi-lo no XIV Congresso Brasileiro de Psiquiatria, em uma série de conferências promovidas pela PUC/MG e no Projeto "Sempre um Papo", quando lançou o livro "O Ser e o Evento". Nesta oportunidade o JP contactou-o novamente, e aqui publicamos a entrevista realizada pelas psicólogas e psicanalistas Fernanda Otoni de Barros e Kátia Botelho, onde o filósofo exprime de maneira esclarecedora suas idéias sobre as relações entre Psicologia, Psicanálise, ética e técnica.



● **Kátia** - Em 1993, nós o entrevistamos aqui em BH. Naquela ocasião, nós lhe propusemos a questão do impasse vivido pelo psicólogo que aporta na Psicanálise e recusa a identidade de sua formação acadêmica em contraste com um outro grupo de psicólogos que lamentam e repudiam a Psicanálise no campo da Psicologia. Essa era a questão. O senhor nos brindou com esclarecimentos fundamentais a propósito de discernir esses dois campos, tanto no que diz respeito à ciência quanto à ética. Agora circula entre nós a afirmação de que a ética é uma questão filosófica e não científica, que nada autoriza uma ciência particular, por exemplo a Psicanálise, a oferecer respostas às questões éticas. Ora, sabemos que a Psicanálise é tida como uma ciência. Como articular, então, Psicanálise, ciência e ética?

● **Badiou** - Creio que é preciso partir da idéia de que não há uma ética, mas que a questão ética se coloca sempre à respeito de práticas particulares e de situações particulares. Acredito que, sob esse ponto de vista, Lacan estava totalmente com a razão ao falar não da ética, mas da ética da Psicanálise. Lacan e os psicanalistas nunca pretenderam trazer uma espécie de ética geral, que conviria a tudo e a todo mundo. Eles se questionaram sobre o que é uma ética da Psicanálise, sobre o que é uma subjetividade ética no campo da Psicanálise.

Da mesma maneira, é evidente que podemos colocar a questão sobre o que é uma ética da ciência. Sabemos bem que a ciência, em seus efeitos técnicos, por exemplo, provoca uma série de transformações, e que a questão de sua responsabilidade é colocada. Diremos que há uma questão de ética da ciência que interessa, evidentemente, aos cientistas e vai também interessar aos filósofos. Penso, aliás, que as questões éticas se regulam sempre por uma espécie de confronto entre os filósofos e aqueles que estão implicados na questão ética considerada. Por exemplo, os filósofos que estão discutindo com os psicanalistas, inclusive na questão da ética da Psicanálise. Mesmo Lacan começa por interrogar Platão ou Kant sobre a questão da ética. Isso faz parte de sua elaboração. Da mesma forma, se colocarmos a questão da ética da ciência, os físicos, os biólogos estarão implicados, também os filósofos e, por que não, os psicanalistas. Mas se tratará da ética da ciência. Também, evidentemente, há um problema da ética da política que é muito real. O que é uma subjetividade ética na política? O que é, por outro lado, uma política cínica ou corrompida, desprovida de toda ética? Estas são questões reais. Mas creio que se quisermos esclarecer essa questão é preciso pensar em dizer: não existe ética "no céu", há uma ética em relação a situações concretas e a processos particulares. Assim, há uma questão da ética da Psicanálise, há questões da ética da ciência e há evidentemente questões da ética da política.

Há certamente também questões éticas mais existenciais - o que é uma subjetividade ética na relação com o outro, no amor etc... É preciso examinar a questão ética em cada situação, em cada caso e se perguntar a cada vez sobre qual tipo de pensamentos precisamos para tratar essa questão ética particular. Penso, por exemplo, que a Psicanálise tem, é claro, coisas a dizer sobre a ética da Psicanálise. Talvez ela tenha também coisas a dizer em certos casos sobre a ética da ciência, como também do comportamento subjetivo pessoal. Enfim, para cada questão ética haverá pontos de apoio no pensamento que são particulares e que às vezes fazem apelo ao filósofo, algumas vezes aos psicanalistas, algumas vezes aos cientistas, algumas vezes a pessoas que estão engajadas na política e, em cada situação deve haver uma discussão, uma elaboração do pensamento que é particular. Digo isso de uma forma muito simples, digo que as questões éticas não existem senão numa



situação - não existem questões éticas transcendentais ou abstratas. Então, para voltar à sua pergunta sobre filosofia, ciência e Psicanálise em relação à questão ética, poderemos ver de maneira bem clara que, na realidade, ou os cientistas, ou os psicanalistas, ou os filósofos podem ser chamados, convocados a tratar essa ou aquela questão ética. Isso depende da situação em que essa questão foi colocada.

■ **Kátia** - Há quem considere que falar de uma ética da Psicanálise constitui uma perversão. O senhor concorda?

■ **Fernanda** - A ética do particular pode levar a uma prática perversa?

● **Badiou** - É certo que a prática psicanalítica pode ser ameaçada por comportamentos perversos. Não é por acaso que desde o começo Freud fixou regras para os psicanalistas. Por exemplo, o psicanalista pode abusar de sua posição de domínio, pode se instalar na posição daquele que sabe tudo. Há, pois, uma perversão possível da Psicanálise. Mas é justamente a razão pela qual é preciso uma ética! É exatamente o que pensava Lacan. É um tanto quanto absurdo dizer que a ética da Psicanálise é uma perversão porque é exatamente o contrário. Porque a Psicanálise pode ser perversa é preciso uma ética. Acho que essa é uma questão muito importante porque, de fato, os psicanalistas se encontram num certo momento em uma posição de poder muito particular. Pode haver uma dependência muito grande do analisando para com o psicanalista. A transferência é de todo modo uma situação forte e para tudo isso é preciso que haja uma ética, para que justamente não seja uma perversão.

Evidentemente, podemos acrescentar que a perversão é muito astuta. Pode então haver uma maneira perversa de se falar da ética da Psicanálise, é claro. Mesmo fora da Psicanálise sempre houve a possibilidade de que em nome da moral nos tornemos perversos. A perversão da moralidade existe, evidentemente. Uma coisa que foi observada há muito tempo é que certos comportamentos morais, rígidos ou estereotipados acabam sendo perversos. Podemos perverter também a ética da Psicanálise. Mas é uma razão a mais pela qual é preciso uma ética, e mesmo uma ética da ética!

■ **Fernanda** - O senhor disse, na palestra sobre anti-filosofia, que uma das dificuldades do processo de criação não é descobrir e compreender o mestre, mas justamente não conseguir perdê-lo; o senhor diz que o uso da regra, da técnica psicanalítica, seguindo os mestres, pode levar a uma prática não-ética.

● **Badiou** - Sim, eu penso que a Psicanálise tem essa singularidade de criar uma situação de dependência para que o sujeito se torne independente. É uma experiência muito especial. Cria-se uma dependência artificial, simbólica, para trabalhar a autonomia e a independência do sujeito. Há um momento essencial da Psicanálise que é quando o sujeito deve se desprender da situação de dependência ou de transferência na qual ele se encontra. Então, vai ser preciso que ele se desprenda completamente daquele que ele havia colocado numa posição de mestre. E é preciso - ponto essencial da ética na Psicanálise - que o psicanalista suporte esse desprendimento. É preciso que ele suporte que o analisando se torne indiferente. É preciso que essa espécie de "queda" do psicanalista, que ele possa sustentá-la e sofrê-la. Acho que há aí uma obrigação ética, - como chamá-la de outra forma? - já que é em nome da independência do analisando que o psicanalista deve aceitar "cair", aceitar que se desprenda dele, aceitar que não é mais amado. E sabemos que um sujeito humano não aceita isso facilmente. De todo modo é preciso um ponto ético para dizer: é assim que a Psicanálise constrói - constrói o quê? - constrói a liberdade antes de tudo. É preciso que o analisando se liberte, que ele tenha uma espécie de liberdade nova em relação a si mesmo, em relação a seus sintomas, em relação ao seu mal estar. E isso passa por um desprendimento do psicanalista.

■ **Fernanda** - Fico pensando que para acontecer esse movimento do analista, para que ele possa suportar essa ruptura, esse deve ser um momento do acontecimento do sujeito.

● **Badiou** - Sim, não há dúvida. É preciso que seja como um acontecimento, como um ato. Não se trata da finalização contínua ou regular de alguma coisa. Não é simplesmente o resultado de um processo tranquilo e regular. Há um corte. Há um ato. E nesse ato o sujeito vai encontrar o seu real. Mas ele só pode encontrar seu real no desprendimento de seu analista. É verdade que o analista deve aceitar esse corte, apesar de que algo de seu desejo possa ser de impedi-lo e de atrasá-lo. Aí a ética se faz necessária. É por isso que se trata, também, de uma ética do acontecimento, uma ética do ato e não simplesmente uma ética do saber. É de fato uma ética do ato. Isso se dá numa situação, na situação analítica.

■ **Kátia** - Então é uma especificidade da ética psicanalítica...

● **Badiou** - Sim.

■ **Kátia** - Não porque a Psicanálise tem uma técnica, não por isso.

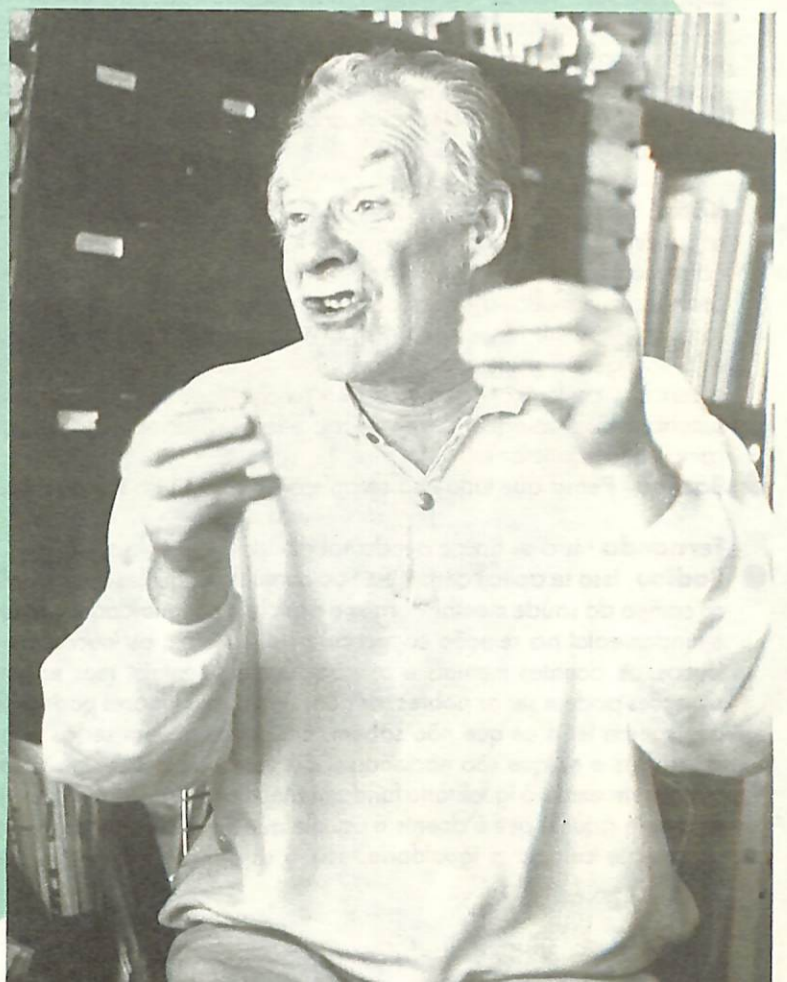
● **Badiou** - Não. Penso que é uma particularidade da Psicanálise porque está ligada à situação onde há o ato analítico e não porque a Psicanálise é uma teoria ou uma técnica. A Psicanálise é também uma teoria e uma técnica, mas não é por isso que ela precisa da ética. Ela precisa da ética porque é uma situação e um ato.

■ **Fernanda** - É preciso que o próprio analista também se descole de seus mestres.

● **Badiou** - Certamente. É uma grande dificuldade, sobretudo porque existem mestres; os mestres da Psicanálise são grandes mestres. Além disso, eles tem a força do mestre morto. É mais difícil abandonar um morto do que abandonar um vivo.

■ **Kátia** - Sim, já nos ensinou Freud... Vamos falar um pouco de Psicologia. Na entrevista passada o senhor dizia que o problema da Psicologia é que ela é constituída de um conjunto de técnicas de adaptação social e nas palestras que o senhor está dando, o senhor está dizendo que o advento do sujeito e da verdade só são possíveis na desestruturação, na ruptura. Como entender então a prática psicológica? Esta prática tem uma chance de se fazer ética de alguma maneira? É possível a Psicologia falar de uma ética?

● **Badiou** - Em primeiro lugar é preciso sublinhar que eu distingo claramente Psicologia e Psicanálise. Já disse isso mas torno a dizer, pois é importante. Para mim, a Psicanálise não é uma Psicologia. Penso, aliás, que uma parte da obra de Lacan, contra a escola americana, nos lembra que a Psicanálise não é uma Psicologia, não é uma teoria do eu, de reforço do ego, de adaptação. A Psicanálise tem a ver com a verdade do sujeito e de forma alguma com sua Psicologia. A Psicologia e a Psicanálise são diferentes. Sustento que a Psicologia propriamente dita não é nem uma ciência, nem algo que se relacione com a verdade, e sustento, pois, que ela é uma técnica. Uma técnica não quer dizer forçosamente que seja ruim. A técnica é a técnica. Ela pode ser bem ou mal utilizada. Talvez haja situações onde a técnica psicológica se faça necessária, útil. Quero dizer, um carro é também uma técnica, pode ser útil. Não sou de forma alguma contra as técnicas. O mundo moderno tem instrumentos técnicos úteis e a Psicologia pode, em algumas situações, ser uma técnica necessária e útil. Não é esse o problema. O problema com a técnica é que ela não coloca o problema ético da mesma maneira que a Psicanálise. De forma alguma! Não é a mesma coisa! Finalmente a questão é: qual é a relação entre ética e técnica? Se considerarmos que uma técnica é um meio, um instrumento, penso que podemos também simplesmente dizer: na situação em que utilizo tal ou tal técnica, qual é realmente o objetivo visado? Então não é a técnica em si mesma que conta, mas sim o objetivo, a finalidade. A Psicologia é uma técnica que pode ser útil em certas situações sociais ou pessoais; simplesmente nós nos perguntaremos: qual é exatamente o objetivo que perseguimos ao utilizar essa técnica? Nesse sentido não creio que haja uma ética da Psicologia. Por outro lado, há certamente uma ética dos objetivos da utilização da Psicologia. Não há uma verdadeira questão ética nesse caso. Então direi que a ligação entre ética e Psicologia faz parte do quadro geral da questão da relação entre ética e técnica, e a relação entre ética e técnica depende do emprego da técnica e não da técnica em si mesma.



- **Fernanda** - Mas da forma como o senhor coloca, a técnica estaria na contramão do acontecimento, não permitiria o advento do sujeito político.
- **Badiou** - Sem dúvida alguma o advento do sujeito político não depende nunca de uma técnica. Não há criação técnica do sujeito político, aliás, não há criação técnica de sujeito algum. Não há, também, criação técnica de um sujeito artista. Entretanto existem técnicas artísticas. Mas não são as técnicas artísticas que criam um sujeito artista. Não são as técnicas psicológicas que podem criar um sujeito político e não são também as técnicas científicas que criam um sujeito científico. É claro que é preciso conhecer as técnicas, mas as técnicas por si só não criam absolutamente nada. E por razões que vocês disseram muito bem, uma técnica não é de forma alguma um acontecimento, pois uma técnica é alguma coisa que diz: se fizermos assim, teremos tal resultado. Se pressionarmos um botão teremos tal efeito. Uma técnica é um instrumento regulado. Evidentemente o acontecimento é algo incalculável. Ora, um resultado técnico é precisamente o que podemos calcular. Então técnica e acontecimento são contrários. Consequentemente nenhuma técnica pode criar um sujeito.

- **Fernanda** - A Psicologia, então, não causará a revolução!!
- **Badiou** - Certamente que não.

- **Kátia** - Mas a Psicanálise sim.
- **Badiou** - Não sei se a Psicanálise criará uma revolução, mas de toda forma ela está realmente ligada ao acontecimento e ao sujeito, enquanto que a Psicologia não está.

- **Kátia** - E nesse sentido pode-se pensar em alguma função política da Psicanálise?

- **Badiou** - É um problema delicado. De toda forma, não se pode nunca esquecer que a política é uma atividade coletiva e a Psicanálise é uma atividade privada. Não podemos nunca esquecer essa distinção. E a situação psicanalítica, o ato psicanalítico diz respeito a um sujeito individual, enquanto que o acontecimento político e o pensamento político diz respeito a um sujeito coletivo. Podemos, assim mesmo, pensar que a experiência analítica e os conceitos analíticos nos dizem do novo, nos ensinam algo de novo sobre a subjetivação. E como em política também há a questão da subjetivação, não devemos de modo algum impedir que o pensamento psicanalítico nos sirva, nos esclareça sobre a política, porque a questão da subjetivação existe nos dois casos. Então, não creio que a Psicanálise seja diretamente política porque a política é coletiva e a Psicanálise não, mas penso que a Psicanálise pode ser indiretamente política, pois o que ela ensina ao pensamento pode ser útil para pensar a política. Creio realmente que através da existência da obra de Freud, da obra de Lacan e da experiência analítica podemos ver certos aspectos da política de outra forma. Porque podemos pensar de outra maneira a questão da subjetivação política, a questão do acontecimento político etc... Creio que existem dois princípios: primeiro, a Psicanálise e a política não são a mesma coisa; segundo, o pensamento psicanalítico pode servir ao pensamento político.

- **Fernanda** - A emergência do sujeito político pode ser um efeito de análise.

- **Badiou** - Talvez. Eu diria que a análise dá ao sujeito algumas capacidades. Talvez ele tenha mais capacidade de entrar numa subjetivação política. É claro que um sujeito liberto de seu mal-estar, de seu sintoma, mais próximo do real, pode ser mais capaz de entrar na subjetivação política. Mas é uma capacidade simplesmente, uma possibilidade. Eu diria que talvez a Psicanálise crie possibilidades políticas, mas não diretamente a política.

- **Kátia** - Na sua conferência aos psiquiatras, o senhor propõe uma mudança na concepção dominante de ética que está voltada para o problema do mal e do socorro à vítima, afirmando a possibilidade de subjetivação e propondo uma ética que implica a igualdade dos loucos e não loucos. O senhor disse: "o louco está entre nós, é a imagem invertida daquilo que somos capazes" e "o inimigo do psiquiatra é o conceito do louco definitivo". O senhor encerrou a conferência apostando no axioma igualitário que deverá ser sustentado com coragem, discernimento e reserva. Como isso se aplica ao campo da Psicanálise?

- **Badiou** - Penso que tudo isso se aplica ao campo da Psicanálise.

- **Fernanda** - Isso se aplica a todo trabalhador da saúde mental?

- **Badiou** - Isso se aplica certamente ao conjunto daqueles que trabalham no campo da saúde mental. Porque o princípio de igualdade, a meu ver, é fundamental na relação com o coletivo. Lá eram os loucos, os não-loucos, os doentes mentais e os não-doentes mentais, mas em outras situações podem ser os pobres, os ricos, em outros lugares podem ser os que sabem ler e os que não sabem. Em outros podem ser os que são imigrantes e os que são nacionais. São várias situações, em todas há sempre um axioma igualitário fundamental. Para a saúde mental evidentemente é aquele que é doente e aquele que não é doente - aí é preciso certamente colocar a igualdade, e isso se aplica certamente a todos

aqueles que lidam com saúde mental. E as três virtudes, penso que também. Porque se falarmos da Psicanálise poderemos dizer que, como falamos a pouco, é preciso coragem para o desprendimento, para abandonar a posição de "maître" - é uma coragem. Aliás, Lacan emprega a palavra. Em segundo lugar vem, evidentemente, o discernimento. É preciso, sobretudo quando há questões de ato, uma espécie de atenção que discerne o tempo exato das coisas, que não seja nem muito cedo nem muito tarde, que dê realmente uma chance ao ato. Isso é a arte do analista. A arte do analista é o discernimento. E a reserva é uma regra que Freud nos deu desde o início. É preciso uma espécie de reserva, de não deixar o Eu se propagar por todo lado. Então, creio que isso se aplica a todos aqueles que se encarregam efetivamente com a saúde mental.

- **Kátia** - Por que, então, o Direito trata o louco e o não louco de maneira diferente?

- **Badiou** - Justamente! É uma ótima pergunta porque no mundo contemporâneo lemos com muita frequência ética e Direito. Ora, se olharmos de perto o Direito, ele não está nunca no axioma igualitário. O Direito consiste em designar categorias de pessoas que não são as mesmas que os outros. O Direito dirá: alguém que não tem a nacionalidade de um país não tem o mesmo direito que alguém que a tem. Alguém que roubou é colocado na prisão, alguém que não roubou não vai para a prisão. O Direito é constantemente isso. A regra do Direito é o desigual. Da mesma forma o Direito dirá que os loucos e os não loucos não têm o mesmo direito. Podemos dizer que tudo isso é razoável. Não vamos deixar um louco assinar um cheque no mundo todo! Concordo, mas isso é o Direito. Isso prova que aquele que lida de fato com a saúde mental, e isso não tem a ver com o Direito, não deve seguir as categorias do Direito. As categorias do Direito são categorias desiguais: isso diz respeito ao Estado. É o Estado, é o Direito... é para que as coisas funcionem. É claro que se alguém é ladrão, vamos colocá-lo na prisão, se alguém é louco, vamos impedi-lo de assinar um cheque etc... Mas isso não tem nada a ver com a verdade, é para que as coisas funcionem - é tudo! Acho que aquele que lida diretamente com a saúde mental vai estar nessas categorias. Ele vai pensar certamente algo que é irracional, algo que não está no Direito; ele vai pensar que o louco é igual ao não-louco.

- **Fernanda** - Falemos sobre a lei, ou seja, a ordem social escrita pelo Estado. Em certa ocasião, o senhor disse que o teatro revela que a ordem social pode ser de outra forma. Na comédia rimos da inversão da ordem. O senhor disse, ainda, que a ordem social é artificial. Jeremy Bentham e Hans Kelsen já tinham dito que a norma é uma ficção... Tenho escutado em suas palestras que ficar colado na ordem pré-estabelecida é o que impossibilita a mudança, a revolução. Por que então obedecer as leis?

- **Badiou** - A questão da lei tem dois aspectos: há a questão da lei social e da lei estatal. Podemos mostrar que essa questão é contingente e antes de tudo é uma ficção. Mas a Psicanálise mostrou que há um outro sentido da lei, que há uma figura da lei que constitui o próprio desejo. Penso que se nós obedecemos a leis é porque nós colocamos na lei artificial e contingente, social e estatal, essa lei interna que é como uma outra face de nosso desejo. É, pois, na função da lei oficial e da lei do desejo que se realiza nossa obediência, nossa tendência a obedecer. E para que essa tendência a obedecer se enfraqueça ou ceda é preciso que em um determinado momento algo separe bruscamente a lei do nosso desejo da lei oficial. Ora, é exatamente o que eu chamo de acontecimento. Um acontecimento é esse movimento em que o desejo deixa de investir no universo da lei geral e exige sua própria lei. Mas para isso é preciso um corte. Normalmente não é assim.

Entrevista realizada por Fernanda Otoni de Barros, psicóloga, psicanalista, conselheira do CRP-04 e mestrande em Psicologia Social da UFMG; e Kátia Botelho, psicóloga, psicanalista e professora-adjunta do Departamento de Psicologia da PUC/MG onde leciona as disciplinas "Ética" e "A Questão do Feminino".

Tradução da psicóloga e psicanalista Márcia Sousa Bandeira.